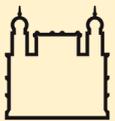


CADERNO DA PERIFE- RIA BRA- SILEIRA DE LETRAS:

o processo de criação
políticas públicas
saudáveis



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Coordenação de Cooperação Social

SUMÁRIO

<i>APRESENTAÇÃO</i>	3
Leonídio Sousa Santos	
<i>POLÍTICAS PÚBLICAS SAUDÁVEIS E A PBL</i>	4
<i>PROCESSO DE CRIAÇÃO DA REDE PERIFERIA BRASILEIRA DE LETRAS</i>	7
Felipe Eugênio e Mariane Martins	
<i>SOBRE OS DESAFIOS DE ESCRITA E LEITURA NO BRASIL; LEITURA NO BRASIL E LEITURA DE BRASIL</i>	10
Felipe Eugênio	
<i>QUE POLÍTICA SERÁ ESSA QUE QUEREMOS?</i>	14
Mariane Martins	
<i>APRENDIZAGENS E AFETOS EM REDE</i>	16
Fabricio Brito	
<i>PESQUISA PBL</i>	18
<i>CÍRCULOS METROPOLITANOS</i>	45
Brasília-Goiânia - Coletivo Papo Reto	46
Jucelino Sales	
Rio de Janeiro - Rede Baixada Literária, Ecomuseu de Manguinhos e Sarau Poesia da Esquina	52
Isadora Escalante	
Pernambuco - Biblioteca Comunitária Caranguejo de Tabaiaras	56
Reginaldo Pereira	
São Paulo - Editora Kitembo	59
Israel Neto	
Rio Grande do Sul - Biblioteca Comunitária Girassol, Beabah! e Poetas Vivxs	63
Priscila Macedo, Viviane Peixoto e Natália Pagot	
Bahia - Slam das Mulé e Grupo de Arte Popular A Pombagem	67
Lara Nunes	
Minas Gerais - Coletivo Sarau de Periferia	71
Dudu Souza	
Ceará - Periferia que Lê	74
Marcos Sá	
<i>PRÓXIMOS PASSOS</i>	77
<i>EXPEDIENTE</i>	78



Foto: Raul Santana-Fiocruz

APRESENTAÇÃO

Leonídio Sousa Santos

Coordenador da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz

A **Periferia Brasileira de Letras (PBL)**) é uma iniciativa da Coordenação de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz, e está ancorada nos referenciais teórico, conceitual e metodológico de Promoção da Saúde. A concepção de que arte e a literatura são ações estratégicas para a ampliação da cidadania em territórios de favela, remete às diretrizes que, na Fiocruz, estão presentes no Programa Institucional de Territórios Saudáveis e Sustentáveis. Dentre as experiências desenvolvidas nas favelas de Manguinhos, no Rio de Janeiro, a PBL teve como ator embrionário o Eco-museu de Manguinhos, o qual desenvolveu as Residências Literárias Favelofágicas e a Agenda Cultural Mandela Vive.

Destaca-se que a PBL ao se organizar como uma rede de coletivos literários de atuação em periferias em 8 estados brasileiros (Pernambuco, Ceará, Bahia, Brasília, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) e desenvolver atividades de formação e mobilização poderá potencializar ações, a partir dos territórios, voltadas para políticas públicas saudáveis.

Com a participação direta dos coletivos literários formados por bibliotecas comunitárias, saraus literários, grupos de teatro de rua, rodas de slam, círculos de leitura, residências literárias e selos editoriais, a PBL se apresenta no cenário nacional com desafio de aproximar os campos da Literatura e Leitura com o da Saúde, em seu sentido ampliado, para construção de conhecimento e ação política na perspectiva da melhoria da qualidade de vida e do bem viver.

POLÍTICAS PÚBLICAS SAUDÁVEIS E A PBL

As **Políticas Públicas Saudáveis** são aquelas que detêm por principal característica a participação popular desde as suas etapas de construção até o monitoramento. Termo concebido e aperfeiçoado ao largo de inúmeras conferências mundiais de Saúde e de **Promoção da Saúde**, com destaque para as cartas de Ottawa, Adelaide e Jacarta, as políticas públicas saudáveis são um tipo de ação baseada na intersectorialidade, ou seja, na articulação entre setores, envolvendo diferentes saberes e esforços que, quando combinados, se mostram mais efetivos para transformações estruturantes do que as ações pensadas apenas em frentes isoladas.

Esse caderno materializa os esforços da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz no reconhecimento de um tipo de ator político que traz marcos inovadores para o trabalho de reforço da cidadania em territórios socioambientalmente vulnerabilizados de centros urbanos: os **coletivos literários**.

Este primeiro volume reúne as fases iniciais de construção da rede PBL: o processo de formação a distância intitulado **PROMOÇÃO DA LITERATURA EM PERIFERIAS: curso de territorialização de políticas públicas saudáveis**, a pesquisa **Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato** e as sínteses produzidas nos **Círculos Metropolitanos**. Todos estes momentos foram fundamentais para o processo de criação de políticas públicas saudáveis.

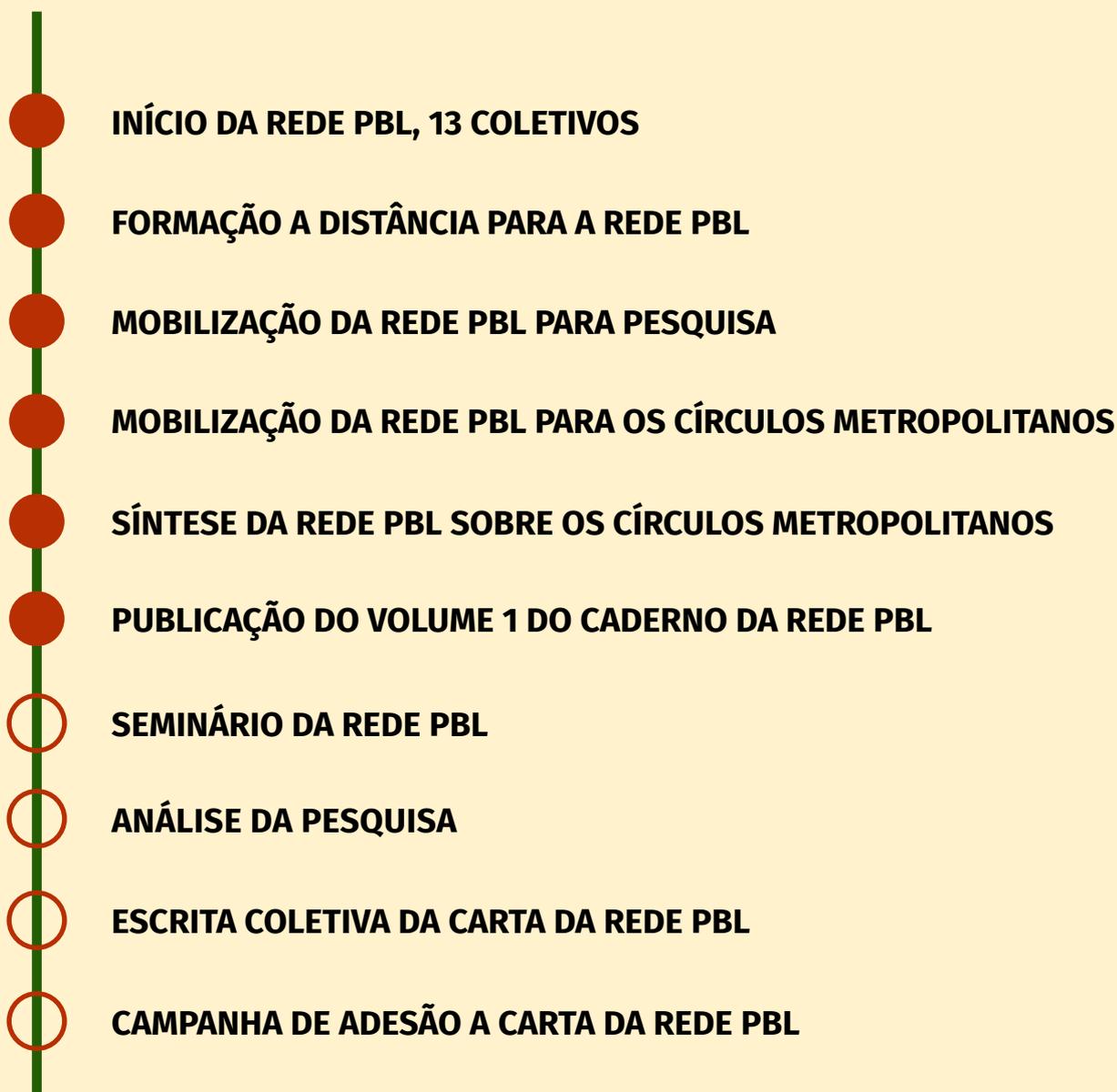
Através de um trabalho de base e calcado na solidariedade, em práticas colaborativas, mobilização popular, construção de indicadores e prospecção de cenários, a Periferia Brasileira de Letras busca amplificar as capacidades de parcerias interinstitucionais e aumentar a qualidade da interlocução com o poder público. Seu modo de organização em rede, a partir do qual produz ações coordenadas em 8 estados para incidir na territorialização de políticas públicas, terá nesse caderno um importante conteúdo para tocar sua agenda política, representando aqueles que vivem sob as condições de adversidade impostas pelo sistema de iniquidades típicos do capitalismo periférico, a experiência brasileira e, mais ainda, a experiência das periferias de centros urbanos.

Este é o resultado do trabalho direto de mais de uma dezena de coletivos literários atuantes em favelas, e que envolveu um universo de mais de 170 outros grupos espalhados em 8 regiões metropolitanas desse país.



Na PBL trabalhamos com uma noção ampliada de literatura que agrega uma diversidade de segmentos literários. Na experiência das periferias, além das já conhecidas formas de organização por meio das bibliotecas comunitárias e saraus poéticos, estão também as rodas rima, os slams, as editoras e selos independentes, os mutirões de cartoneira, os festivais literários, os grupos de teatro de rua, as residências de ficção, as geladotecas e as rodas de leitura que estabelecem em seus territórios novos espaços de experimentação artística e de formação crítica.

PERCURSO DA TERRITORIALIZAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS



Entende-se por **territorialização de políticas públicas** o processo de garantir a chegada de direitos aos territórios socioambientalmente vulnerabilizados de centros urbanos.

Conta-se para isso com o envolvimento de diversos dos setores da sociedade, com característica importante: a participação popular desde os primeiros movimentos até as fases de debate e criação de políticas públicas.

PROCESSO DE CRIAÇÃO DA REDE PERIFERIA BRASILEIRA DE LETRAS

Felipe Eugênio e Mariane Martins*

Cooperação Social da Presidência da Fiocruz

Fase 1, curso EAD - Modos de (o)usar,

Seria possível um processo formativo do qual emergisse uma rede de organizações literárias populares com dimensão nacional? Sabemos que apenas uma ação pedagógica de formação não garantiria a configuração de uma rede. Esse tipo de estruturação organizacional e social vem da:

- 1) compreensão de seus integrantes sobre o quão fortalecidos cada um se torna quando em associação;
- 2) pactuação de uma agenda comum que atenda às necessidades dos participantes, para além das suas singularidades, na concepção de uma ética ampliada própria dessa rede; e
- 3) identificação política: quando há conexão entre os membros que, diante dos desafios das pautas enfrentadas, na constância do debate e da tomada de decisões coletiva, vão forjando um substrato ideológico que aceita matizes e variações, mas que precisa adquirir também alguma unidade.

Ainda assim, no trabalho de criação da Periferia Brasileira de Letras, a partir da expertise da Cooperação Social com territórios socioambientalmente vulnerabilizados e Promoção da Saúde, em especial na abordagem de territórios saudáveis a partir da governança territorial democrática (com o projeto Promoção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis de Centros Urbanos), a coordenação da PBL entendeu que a proposta pedagógica se tornaria fundamental para equalizar referências epistemológicas e, junto com especialistas, trazer para o debate alguns elementos da práxis dos integrantes, focalizando nas proposições que apontassem para um horizonte de políticas públicas saudáveis.

Com o objetivo de oferecer aos integrantes da rede um percurso comum, em seus dois primeiros meses foi iniciada a fase de formação sobre políticas públicas. Através de um curso a distância (EAD) foi apresentado o conceito de Saúde em seu sentido ampliado, relacionando-o aos determinantes sociais da saúde. Em seguida, foi trabalhada a noção de Estado, Sociedade e Poder, no que foi possível conectar no-

Quais são os nossos direitos? Como funcionam as políticas públicas? E como se dá historicamente o tensionamento entre sociedade civil e estado para formulação e garantia desses direitos? Direito à cidade, formas de mobilização política, governança territorial democrática, foram alguns dos tópicos tratados.

* Coordenadores da Periferia Brasileira de Letras e pesquisadores do projeto de Promoção de Territórios Saudáveis e Sustentáveis de Centros Urbanos. Cooperação Social da Presidência Fiocruz.

Tratou-se no curso EAD de resgatar o percurso específico das políticas públicas do livro, leitura e literatura no Brasil até seu marco mais recente a lei 13.696, Política Nacional do Livro e Escrita (PNLE) ou mais popularmente a Lei Castilho.

ções teóricas e práticas da política contemporânea, abordando tanto os jogos de interesses ao redor da política, quanto o seu sentido objetivo, abordando o funcionamento do estado democrático de direito. Por exemplo: quais são os nossos direitos? Como funcionam as políticas públicas? E como se dá historicamente o tensionamento entre sociedade civil e estado para formulação e garantia desses direitos? Direito à cidade, formas de mobilização política, governança territorial democrática, foram alguns dos tópicos tratados.

Por fim, tratou-se no curso EAD de resgatar o percurso específico das políticas públicas do livro, leitura e literatura no Brasil até seu marco mais recente a lei 13.696, Política Nacional do Livro e Escrita (PNLE) ou mais popularmente conhecida como Lei Castilho.

O formato EAD contou com debates on-line com os professores, isso na mesma semana de disponibilização das aulas gravadas. Essa prática permitiu aprofundar questões e mesmo derivar para novos argumentos junto aos seguintes especialistas:

José Castilho

ex-secretário executivo do PNLE e que dá nome à Lei Castilho

Cida Fernandez

integra a equipe do Programa Direito a Leitura do Centro Cultural Luiz Freire (PE) e a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias

Volnei Canônica

ex-diretor do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do MINC

Rose Cipriano

ativista da educação e do MNU - Movimento Negro Unificado

Gabriela Gaia

doutora em arquitetura e urbanismo pela UFBA

Juliana Krapp

doutora em literatura brasileira pela UERJ e pesquisadora ICICT/Fiocruz

Leonídio Souza Santos

coordenador da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz

Felipe Eugênio

pesquisador sobre cultura e promoção da saúde para territórios saudáveis em centros urbanos - Cooperação Social da Presidência da Fiocruz

André Lima

ativista em Manguinhos e coordenador do Programa de Territórios Saudáveis e Sustentáveis de Centros Urbanos - Cooperação Social da Presidência da Fiocruz

Daniel Pinha

professor de História do Brasil Contemporâneo, UERJ

Djefferson Amadeus

advogado criminalista, eleitoralista e coordenador do Instituto em Defesa da População Negra - IDPN

Fase 2, os Círculos Metropolitanos

Na fase da pesquisa, utilizando um formulário virtual, os membros da PBL convidaram outros coletivos literários atuantes em periferias nas suas regiões metropolitanas para participarem deste momento de escuta, diálogo e construção participativa. No total foram mobilizados mais de 169 coletivos!

Concluída a imersão no processo formativo a distância sobre territorialização de políticas públicas saudáveis, os membros da PBL - os 13 coletivos espalhados em 8 estados brasileiros - puderam acessar ferramentas metodológicas e teóricas para ampliar suas capacidades rumo à articulação para a territorialização de políticas públicas saudáveis. Em seguida, foi o momento de operar práticas de mobilização e também de produção de diagnóstico socio-territorial: os Círculos Metropolitanos.

Com dois momentos que se complementavam - o da pesquisa e o das reuniões on line - os círculos metropolitanos foram, para os 13 coletivos da PBL, o grande exercício de mobilização de seus pares.

Na fase da pesquisa, utilizando um formulário virtual, os membros da PBL convidaram outros coletivos literários atuantes em periferias nas suas regiões metropolitanas para participarem desta etapa de escuta, diálogo e construção participativa.

Ao todo responderam a pesquisa proposta pela rede 170 coletivos literários, com variação por região e por linguagem, como pode ser visto no gráfico sobre segmento literário, na página 18.

A pesquisa buscou compreender quais são os recortes temáticos de atuação da diversidade dos coletivos literários; quais são as necessidades e dificuldades enfrentadas no cotidiano dos grupos; e tentou, ainda, mapear quais seriam as ações do Estado para o reforço, manutenção e ampliação do exercício do seu trabalho.

No segundo momento, com os dados oriundos da pesquisa, aconteceram os encontros virtuais por estado. Nesses momentos, os Círculos Metropolitanos propiciaram a escuta via proximidade e troca direta, gerando uma ampliação qualitativa do resultado apontado pelos dados outrora levantados. Os coletivos literários se viram, se reconheceram, contaram das histórias que já tinham compartilhado e da rede que já formavam localmente, mas também, em outras ocasiões, se descobriram e, principalmente, ofereceram uns aos outros uma espécie de banco de soluções. Aos olhos da coordenação da Fiocruz, muitas das experiências trocadas possuíam caráter de tecnologia social.

Este caderno reúne o percurso da Periferia Brasileira de Letras até a realização dos Círculos Metropolitanos, contendo as sínteses produzidas pelos coletivos da rede PBL a partir das discussões que ocorreram em cada estado. Reunimos aqui também alguns textos que provocam sobre a relação entre Saúde e o universo do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas.

Boa leitura!

SOBRE OS DESAFIOS DE ESCRITA E LEITURA NO BRASIL; LEITURA NO BRASIL E LEITURA DE BRASIL

Felipe Eugênio

Coordenador da Periferia Brasileira de Letras

Pegar uma caneta e colocar no papel uma mensagem. Ampliar essa mensagem em muitas folhas e narrar a história dos seus, ou mesmo a própria. Descrever uma situação ou cenário. Trazer os versos da noite para o clarão da tela. A escrita é um problema no país.

Pegar um texto e entender dele a mensagem. Destrinchar ambiguidades, perceber intencionalidades, duvidar daquela abordagem sobre o assunto. Uma dificuldade para um número imenso de brasileiros. Segundo o Inaf (Indicador de Alfabetismo Funcional, de 2018) dentro da fatia da população entre 15 e 64, um em cada quatro brasileiros é analfabeto funcional, isto é, 29% das pessoas não conseguem realizar tarefas simples que envolvam leitura de palavras e frases ou não é capaz de localizar mais de uma informação em textos de extensão média. E isso tanto nos leva para situações de agudização da vulnerabilidade, como no caso do jovem que, em 2022, é um sucesso mundial, o Luva de Pedreiro, e que também ficou famoso pelo golpe que levou de seu antigo empresário. Iran Ferreira, um jovem baiano de origem pobre, se tornou uma personagem memética e de meteórica fama. Em sua trajetória de celebridade, acabou por assinar um contrato draconiano com um empresário mal intencionado. Segundo conta, o Luva de Pedreiro não consegue, no ato de ler, perceber mais do que o ajuntamento de letras e até de palavras. Levou um golpe contratual.

Pegar uma caneta e colocar no papel uma mensagem; ampliar essa mensagem em muitas folhas e narrar a história dos seus, ou mesmo a própria; descrever uma situação ou cenário; trazer os versos da noite para o clarão da tela – neste país a escrita é um problema, não é rima nem se faz solução. Segundo dados do Inaf são muitos os que mal ultrapassam o texto telegráfico, ou funcionalidade das listas de feira ou peças de um maquinário, e que estão alijados da hermenêutica necessária para lidar com a palavra escrita. De acordo com o Inaf, a classe de analfabetos funcionais é dividida em dois grupos: os absolutos, 8%, que não conseguem ler palavras ou frases e números telefônicos, e os rudimentares, que são 21% da população, e que têm dificuldade para identificar ironias e sarcasmos em textos curtos e realizar operações simples, como cálculo de dinheiro). Seria o caso do Luva de Pedreiro. Porém, sem o papel, o jovem youtuber consegue criar uma narrativa que produz fascínio. E ele tem consciência dela: produz uma performance calcada por um tipo de ingenuidade cativante.

Sem a caneta, o Luva produz algo fabuloso com seus bordões para dentro do contemporâneo universo de narrativas extremamente velozes, de segundos dentro de plataformas audiovisuais. Forjando uma história de si, o Luva em

nada se parece com outras narrativas também carregadas de intencionalidade performática, mas que apontam para um lugar bem menos ligeiro: o retorno aos livros, o retorno às narrativas de fôlego, um retorno à glosa na produção poética, uma chegada, enfim, ao largo mar das palavras e suas tantas ondulações que agitam o pensamento. Estamos falando das produções literárias presentes na Periferia Brasileira de Letras.

O motivo?

Importa – e muito – investir na ampliação da leitura no Brasil. Porém, é com a “leitura de Brasil” - identificada no trabalho de coletivos literários em periferias - que salta aos interesses da Fiocruz, a partir da referência da Promoção da Saúde, um trabalho que tenha por consequência disputar políticas públicas saudáveis.

A Periferia Brasileira de Letras é uma rede de coletivos literários que está em formação. A Fiocruz identificou que as experiências mais perenes de formação cidadã em territórios periféricos têm sido marcadas pela atuação cultural, em especial, das práticas literárias. Aí é onde moram as possibilidades de exercitar “leituras de Brasil”. Um modo de leitura sobre o Brasil. Exercitar o ato de ler como análise crítica, de verificar a realidade no entorno imediato e articulá-la com as informações históricas e contemporâneas sobre o entorno distante e ainda nacional – assim como fazer o mesmo com o entorno mais distante ainda, o ultramarino, o transoceânico, e que influencia o nacional e quanto até a vida na vizinhança. Leituras de Brasil. Essa prática da produção de conhecimento por dentro das ambiências literárias possui outro alcance: há um tipo de autoria que reside no ato da leitura. O leitor travestido como intérprete de algo. No caso, poetas, escritores, mediadores de leitura, ficcionistas, dramaturgos e editores, a gama de literatos e produtores e amantes da experiência literária, o público, no tanto que praticam a leitura sobre a vida, se tornam intérpretes de Brasis imaginados, revistos, às vezes até reeditados. Os coletivos literários da Periferia Brasileira de Letras operam nessa frequência: estimulam, provocam e convocam para uma relação sediciosa com a língua portuguesa. Diante da realidade de desigualdades sociais extremas desse país, enquanto o trabalho da Educação de Jovens e Adultos (EJA) enfrenta o nacional déficit de letramento idade-escola, aqueles organizados através do literário estimulam as periferias para transformar a realidade. É a literatura como “espaço de intersecção dos discursos sociais”, bem vaticinado por Bakhtin, contudo, na atuação coletiva através da literatura, também podemos dizer que, na PBL, os coletivos literários estão a convocar para um tipo de assentamento: a ocupação do tempo de muitas pessoas em confraternização, subver-

A Fiocruz identificou que as experiências mais perenes de formação cidadã em territórios periféricos têm sido marcadas pela atuação cultural, em especial, das práticas literárias. Aí é onde moram as possibilidades de exercitar “leituras de Brasil”, leitura sobre o Brasil, exercitar o ato de ler como análise crítica.

Os problemas com a fome e as violências seguem existindo à revelia do trabalho literário. O caso é que temos uma situação excepcional para qualquer territorialidade brasileira: dos espaços mais privilegiados aos mais empobrecidos, nas experimentações que hoje se reúnem na PBL, de tantos coletivos literários, vemos a novidade da produção curso de pensamentos sobre Brasil, e esse pensamento ser constituído com elementos de sofisticação (estética e política) mas não se encerrando em elucubrações meramente teóricas: os coletivos mobilizam pequenas multidões, ou participam no seu cotidiano com um basto números às dúzias, e tudo isso para uma investida sobre as peripécias que saiam da palavra, da palavra poética, da palavra poética e laica.

tendo a absorção dos indivíduos pelo virtual e pelo televisivo, a ocupação do tempo dilatado para ter como pauta, em versos e prosas, sobre um mundo em desencanto e sobre as utopias possíveis – uma eficiente contramão dos processos consagrados de alienação.

Sobre contraleituras, esse modo de chamar o debate público feito a contrapelo da ideologia hegemônica, peguemos entre os 13 coletivos integrantes da PBL, três exemplos de organizações literárias distintas: A Pombagem, em Salvador; a Kitembo Edições, em São Paulo; e a Rede Beabah, do Rio Grande do Sul.

A Pombagem é um coletivo de teatro de rua que atua em Salvador. O trabalho com teatro de rua, por si, já garantiria uma perspectiva outra: a desnecessidade do anfiteatro, a necessidade de fazer da/na rua visível a dimensão espetacular do organizar-se politicamente, desferindo golpes na idéia de que o espaço público seja um não-lugar, terra de ninguém, mera geografia de passagem. O que esse coletivo literário e performático traz é o teatro de rua que subverte o monumento público, apontando para um horizonte social mais justo, plural e democrático. E o faz relendo a história. Pois sim, com A Pombagem acessamos um Brasil que lava a roupa suja de seus passados. E que depois estende os panos na praça pública.

Com a Kitembo, uma editora situada em Brasilândia, periferia paulistana, encontramos a proposição afrofuturista e as possibilidades de literatura de fantasia enegrecida. Os livros e autores que rodeiam a Kitembo oferecem aos leitores a especulação sobre o país que ainda poderemos ser: não apenas em seus conteúdos ficcionais, mas sobretudo na possibilidade de mais autores de origem periférica, em sua maioria negros, terem o direito à criação literária dentro do universo geek, tão caracterizado pelo público e criadores brancos da classe média. A Kitembo estimula a leitura do Brasil que tem muitas contas a acertar com o passado engravado em seu futuro.

Já a rede Beabah, que reúne bibliotecas comunitárias para além da região metropolitana de Porto Alegre, no seu trabalho de incentivo à leitura, utilizando a curadoria e a mediação como instrumentos fundamentais, também mobiliza seu público para os debates fundamentais sobre o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas nas políticas públicas brasileiras. E como o faz: associando o livro à garantia de direitos, a leitura aos princípios básicos dos direitos humanos, a literatura brasileira ao patrimônio que todos devemos não só defender como também acessar e renovar.

Foram apenas três modos de verificar esses mirantes instalados nas periferias de centros urbanos. A importância

deles não é compensatória para os territórios socioambientalmente vulnerabilizados. Os problemas com a fome e as violências seguem existindo à revelia do trabalho literário. O caso é que temos uma situação excepcional para qualquer territorialidade brasileira: dos espaços mais privilegiados aos mais empobrecidos, nas experimentações que hoje se reúnem na PBL, de tantos coletivos literários, vemos um rico fluxo na produção de pensamento sobre Brasil, e esse pensamento podemos vê-lo sendo constituído por elementos de sofisticação (estética e política) mas não se encerrando em elucubrações meramente teóricas: os coletivos literários mobilizam pequenas multidões, envolvem no seu cotidiano com um vasto número de pessoas, e tudo isso numa investida em peripécias que saem da palavra; da palavra poética; da palavra poética e laica.

E isso tudo nos territórios socioambientalmente vulnerabilizados, junto aos que mais se aproximam da hipótese do sujeito com ganas para ser transformador da história: o proletariado em sua versão precarizada. Falou-se muito aqui sobre as leituras possíveis de Brasil dentro das práticas dos coletivos da PBL. No entanto, é importante iniciarmos o capítulo das *novas escritas de Brasil*. Um país que ainda precisa ser agitado com novas assinaturas. Construído sobre nova sintaxe social.

QUE POLÍTICA SERÁ ESSA QUE QUEREMOS?

Mariane Martins

Coordenadora da Periferia Brasileira de Letras

Poderia ser uma vaga utopia no cenário que atravessa a recente história brasileira, mas não: a aposta da PBL é democratizar o acesso à leitura e à escrita através de políticas públicas saudáveis. Desejar e construir horizontes de transformação diante de uma realidade tão dura - o cenário de aumento do valor da cesta básica, dos combustíveis, do gás, do desemprego, do aumento alarmante da devastação ambiental e da volta do país ao mapa da fome - é urgente. Essa resposta vem sendo dada por coletivos literários Brasil afora, à revelia do curso das políticas educacionais e culturais da atual conjuntura. Diversas são as experiências de quem atuando nas periferias brasileiras, têm construído modos para mitigar as iniquidades sociais, em especial as do campo do livro, leitura, literatura, escrita e bibliotecas no país.

Esses coletivos se organizam regularmente em regiões periféricas para realizar atividades que discutam através da palavra poética temáticas como ancestralidade, antirracismo, criação literária, feminismo, memória local, diversidade de gênero, entre outros assuntos de quem têm a urgência, o anseio e a necessidade de fundar um novo país.

Pensar saúde, não é pensar apenas a ausência de doença de um corpo são, essa visão do pensamento científico moderno que tende a tradução dos acontecimentos por meio de esquemas calculáveis e demonstráveis está superada. A saúde deve ser vista como resultado de diversos fatores como: alimentação, justiça social, renda, ecossistema e educação.

A promoção da saúde é um conceito amplamente discutido internacionalmente quando se trata de avaliar a relação entre a saúde e as condições de vida das populações. Esta tem como eixo básico fortalecer a ideia de autonomia dos sujeitos e grupos sociais. Aqui, se recusa a ideia de autonomia regulada por uma lógica de mercado e ainda de uma autonomia que diminua a responsabilidade do Estado, delegando ao cidadão a tarefa de cuidar de si mesmo.

A autonomia defendida pela promoção da saúde deve estar baseada numa perspectiva emancipatória, voltada a políticas públicas intersetoriais que melhorem a qualidade de vida das populações.

Pensar saúde, não é pensar apenas a ausência de doença de um corpo são, essa visão do pensamento científico moderno que tende a tradução dos acontecimentos por meio de esquemas calculáveis e demonstráveis está superada. A saúde deve ser vista como resultado de diversos fatores como: alimentação, justiça social, renda, ecossistema e educação.

O acesso à leitura e escrita são essenciais ao pleno exercício da cidadania e por isso é também uma questão que impacta na saúde das populações. O acesso e a difusão do conhecimento além de marcadores sociais, determinam também lugares de poder, lugares estes que não são ocupados por grupos historicamente minorizados, o que se traduz num cenário de democracia de baixa intensidade. É para discutir e disputar a ampliação das populações periféricas ao acesso a escrita e a leitura que surge a Periferia Brasileira de Letras. Uma articulação entre a Fiocruz e a sociedade civil organizada, através dos coletivos literários, para a elaboração de políticas públicas saudáveis, ou seja, a criação de políticas que levem em conta a participação social.

Esta visão de saúde é a que norteia o trabalho que vem sendo realizado na última década pela Cooperação Social da Presidência da Fiocruz. O acesso à leitura e escrita são essenciais ao pleno exercício da cidadania e por isso é também uma questão que impacta na saúde das populações. O acesso e a difusão do conhecimento além de marcadores sociais, determinam também lugares de poder, lugares estes que não são ocupados por grupos historicamente minorizados em seus direitos, o que se traduz num cenário de democracia de baixa intensidade. É para discutir e disputar a ampliação das populações periféricas ao acesso a escrita e a leitura que surge a Periferia Brasileira de Letras. Uma articulação entre a Fiocruz e a sociedade civil organizada, através dos coletivos literários, para a elaboração de políticas públicas saudáveis, ou seja, a criação de políticas que levem em conta a participação social.

É preciso discutir e propor quais mudanças estruturais devem ser feitas para ampliar o acesso à escrita e leitura; e esta mudança deve ser composta também por quem já está nessa luta, inventando e criando nas mais diversas quebradas o seu lugar de fruição artística e a partir de uma diversidade de linguagens que é da altura e da amplitude do nosso povo, ou seja, dos diferentes modos de ser, de se organizar, de reivindicar direitos e de ocupar as trincheiras para uma emancipação cidadã.

Que política será esta que queremos?

APRENDIZAGENS E AFETOS EM REDE

Fabricio Brito

Grupo de Arte Popular A Pombagem

Nas ruas, favelas e periferias das cidades brasileiras, no entanto, reivindica-se o aspecto multifacetado, poroso e plural da literatura. É nessa medida que nós – coletivos integrantes da Periferia Brasileira de Letras (PBL) – falamos em literatura popular, marginal, divergente, periférica, de rua, das quebradas. Estes adjetivos constituem, pois, um contraponto ao elitismo das “belas letras”.

A força de um povo está em sua cultura. Escutei esta frase quando era estudante de graduação do curso de Filosofia. Lembro que foi em um Seminário sobre Pensamento Brasileiro na UFBA. Lembro, ainda, que duas palavras me chamaram a atenção na referida afirmação: *povo e cultura*. Na época pensei comigo mesmo: Qual povo? Qual cultura? Será que há algo no nosso país que pode ser tratado no singular? Estas perguntas, é preciso assinalar, não foram motivadas pelo ensino filosófico universitário; ao contrário, elas advieram da minha primeira formação: as Ruas. Foi precisamente na faculdade das Ruas que aprendi a refletir criticamente sobre as noções de povo e cultura, valorizando a complexidade de ambos os termos. Enquanto a Universidade tende a defender o uno e homogêneo, a faculdade das Ruas reconhece as tensões e contradições da sociedade de classes.

Forjada no atavismo colonial, branco e burguês, a ideia de uma literatura brasileira parece revelar uma similar pretensão de unidade e homogeneidade, mais que isso, parece escamotear as diversas literaturas existentes. É como se a chamada literatura brasileira, escrita com “l” e “b” maiúsculos, fosse capaz de contemplar a totalidade do fazer literário no país. Ou melhor, é como se tal nomenclatura designasse a expressão mais legítima do campo literário ou figurasse como a única representação possível. Nas ruas, favelas e periferias das cidades brasileiras, no entanto, reivindica-se o aspecto multifacetado, poroso e plural da literatura. É nessa medida que nós – coletivos integrantes da Periferia Brasileira de Letras (PBL) – falamos em literatura popular, marginal, divergente, periférica, de rua, das quebradas. Estes adjetivos constituem, pois, um contraponto ao elitismo das “belas letras”.

Em vez de ocuparem os espaços canonizados, os coletivos da PBL se espriam pelos diversos lugares das cidades. Desde o sarau de poesia em um boteco do bairro até o espetáculo de teatro de rua que acontece na praça, passando pelas *performances* em ônibus, trem, metrô, *ferry-boat* e outros tantos modais de transporte público. Trata-se, portanto, de uma modalidade de literatura que extrapola as fronteiras dos espaços tidos como especificamente literários. Não estando reduzida ao livro, essa modalidade literária pulsa no tecido urbano da cidade e recupera a dimensão política do espaço público. Não é à toa que esses coletivos sofrem constantes violações e tornam-se alvos

de perseguição policial e/ou de outros aparelhos coercitivos do Estado. A meu ver, esta violência decorre do fato de que os coletivos fomentam uma literatura preta, libertária, combativa, contra-hegemônica.

Daí a dimensão política dos saraus, slams, batalhas de mc, ecomuseus, bibliotecas comunitárias e grupos de teatro de rua das cidades brasileiras. Essa versatilidade de possibilidades e linguagens só é possível graças à adoção do conceito ampliado de literatura, o que abre horizontes para a ampliação e fortalecimento da PBL enquanto rede dialógica e acessível a todo e qualquer segmento literário. Além do mais, a organização desta rede de coletivos literários de periferia desponta com o sentido de luta no campo das políticas públicas. Quer isto dizer que a PBL surge como uma necessidade política, na medida em que pressupõe a reunião das demandas e especificidades de seus coletivos integrantes e a articulação de estratégias para incidir em políticas públicas saudáveis para territórios vulnerabilizados.

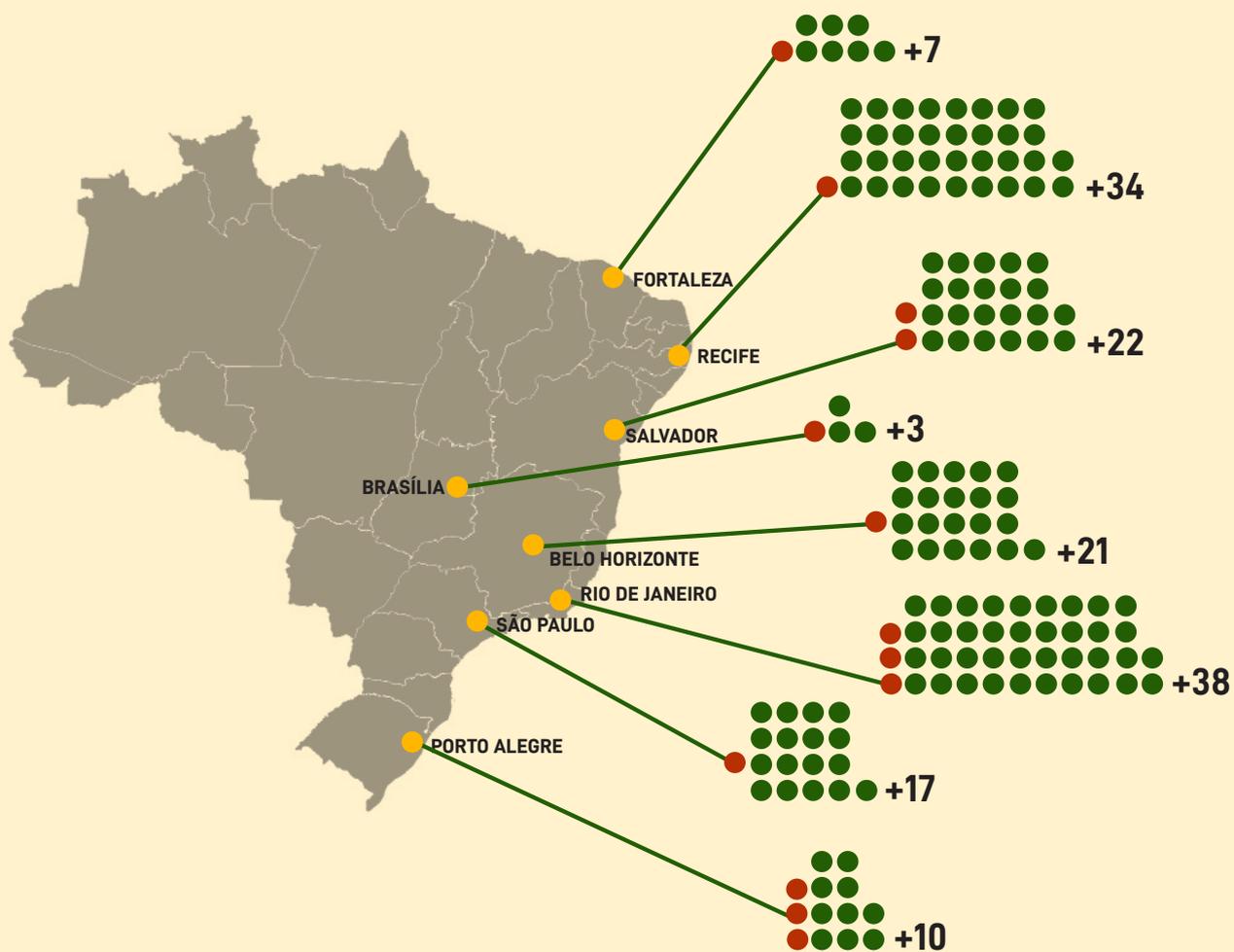
Não obstante o contexto específico de cada território, a PBL tem possibilitado encontros virtuais com ciclos formativos e trocas de experiências entre os coletivos participantes, ensejando o intercâmbio e a criação de táticas e estratégias de apoio mútuo, organização política e participação social. Ou seja, para além da atuação política dos coletivos em suas respectivas comunidades, existe a dimensão política da preparação e organização da rede como um todo, especialmente no tocante à disputa por leis, orçamento e participação nos processos e instâncias de decisão e formulação das políticas públicas. Nesse sentido, gosto de pensar a PBL como um lugar de aprendizagens, pois a cada encontro nascem bons ensinamentos. Também gosto de pensá-la como um esteio de afetos, uma vez que são muitos os carinhos compartilhados. Para mim, a PBL mobiliza o que há de melhor em nossas mentes e corações.

A organização desta rede de coletivos literários de periferia desponta com o sentido de luta no campo das políticas públicas. Quer isto dizer que a PBL surge como uma necessidade política, na medida em que pressupõe a reunião das demandas e especificidades de seus coletivos integrantes e a articulação de estratégias para incidir em políticas públicas saudáveis para territórios vulnerabilizados.

Mentes e corações andam juntos na PBL. Essa combinação de elementos aparentemente antagônicos talvez seja a fórmula que torna esta rede tão poderosa. Não há lugar para a clássica distinção entre razão e emoção. No meu caso, por exemplo, gosto da ideia de vincular poesia e pensamento, sem priorizar este último. Aliás, diferente da tradição filosófica do ocidente, em que a razão é sempre o elemento privilegiado no processo de reflexão, a faculdade das Ruas me mostrou a importância do equilíbrio entre o simbólico e o racional, entre o mito e o logos. É justamente este equilíbrio que faz da PBL um lugar de aprendizagens e um esteio de afetos, onde é possível conectar os coletivos em nível nacional, alavancar as suas potencialidades e impulsionar a literatura produzida na periferia ao patamar de políticas públicas. Tudo isso é inolvidável.

PES- QUISA PBL

O presente levantamento foi realizado de modo colaborativo por todos integrantes da rede Periferia Brasileira de Letras.



Essa amostra não tem caráter de recenseamento. Ela revela os resultados da mobilização dos 13 coletivos da PBL (em vermelho no mapa) em suas regiões, no que conseguiram convocar seus pares (outros 156 coletivos literários com atuação em periferias - em verde no mapa) para responder o questionário.

METODOLOGIA

A pesquisa **Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato** teve como objetivo conhecer a atuação de coletivos literários que atuam nas periferias de 8 estados brasileiros no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Brasília/Goiânia, Rio Grande do Sul, Bahia, Ceará e Pernambuco. Nesta pesquisa, por meio de metodologia quantitativa – com estatística descritiva simples, buscamos compreender o diverso mosaico de grupos que se organizam ao redor da literatura.

Nesta pesquisa buscamos compreender o diverso mosaico de grupos que se organizam ao redor da literatura, os temas que trabalham nos seus encontros, os tipos de ações que promovem em seus territórios, as estratégias que utilizam para mobilização de público e sustentabilidade financeira, as violações que enfrentam para atuação no seus territórios e as questões que são mais urgentes de serem atendidas para que possam continuar realizando a promoção da leitura e escrita.

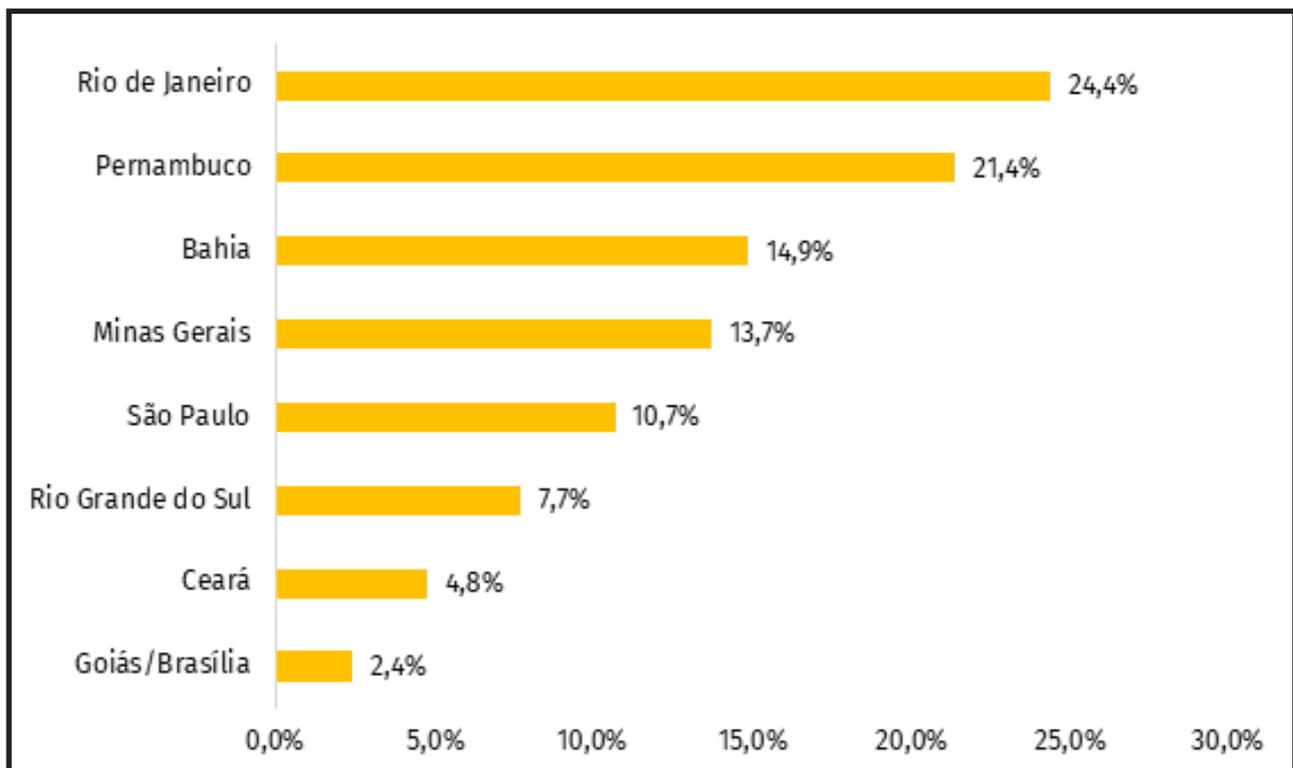
De modo geral, o estudo busca revelar, tanto quanto possível, a perspectiva dos protagonistas dessa história sobre sua experiência e formas de compreender e enfrentar seus desafios cotidianos.

Para isso, optou-se pela realização de uma pesquisa descritiva por levantamento amostral, usando um questionário composto por 33 perguntas fechadas e 5 perguntas abertas e dividido nas seguintes seções: (i) perfil, (ii) atuação, (iii) recursos, (iv) território, (v) demandas, (vi) publicações e (vii) políticas públicas. Foram coletadas respostas através de formulário realizado na plataforma Google-Forms. Ao todo responderam 169 coletivos literários, que preencheram autonomamente (auto aplicados).

O levantamento aqui publicado compreende as respostas ao questionário aplicado entre os dias 10 de junho e 19 de julho de 2022, remotamente. O período de coleta foi ampliado em relação ao planejamento inicial para que outros coletivos que não conseguimos mobilizar no fechamento desse conjunto de dados, possam contribuir para a composição desse mosaico, possibilitando futuramente novas leituras. Apesar de não ser uma pesquisa amostral, os resultados apontam a necessidade de desdobramentos e possíveis tendências a serem investigadas.

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

*Unidades da Federação envolvidas no estudo
8 estados - 169 coletivos literários*



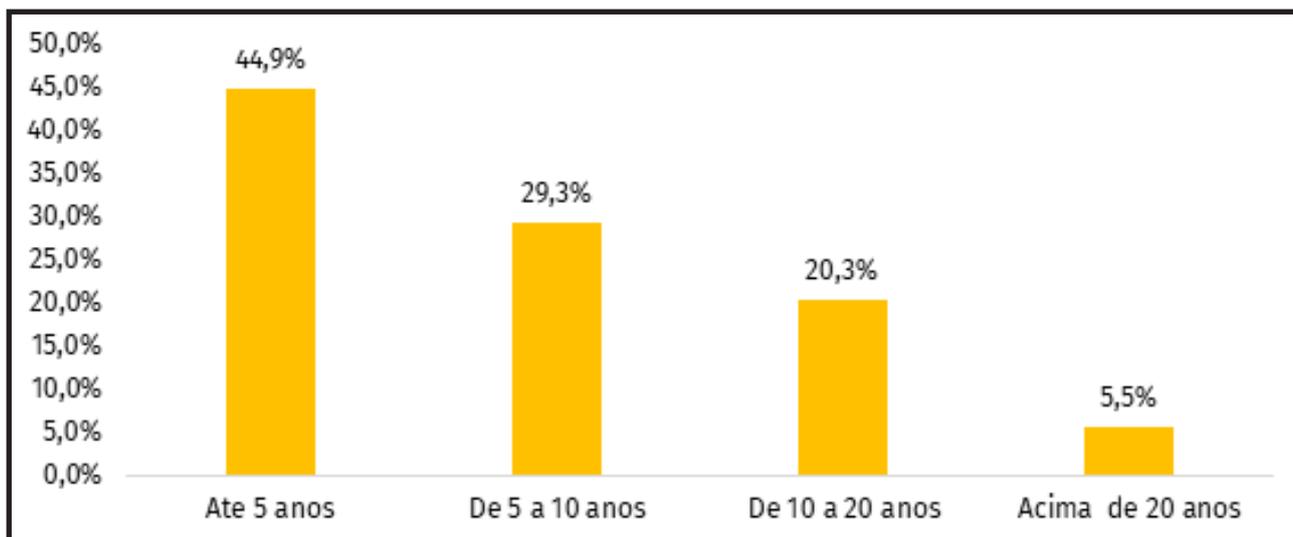
Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO



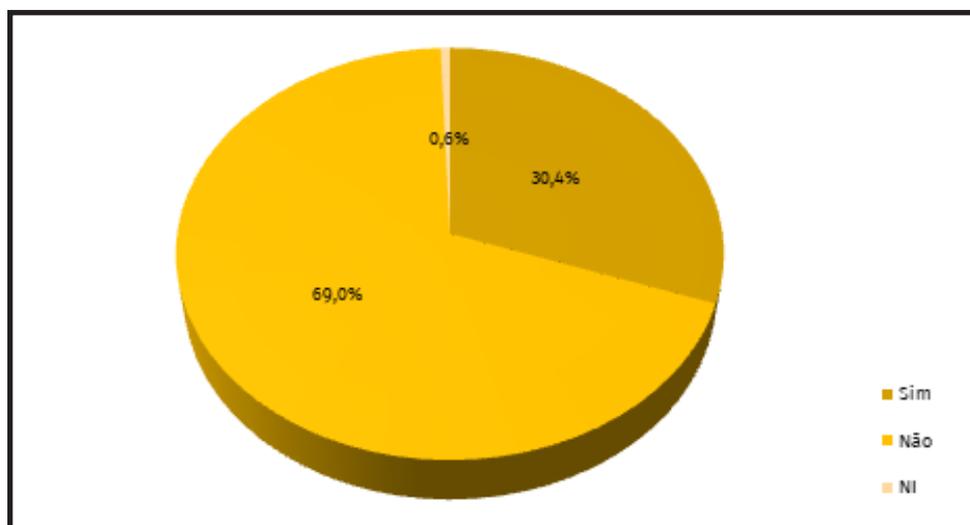
COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Tempo de existência dos coletivos



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

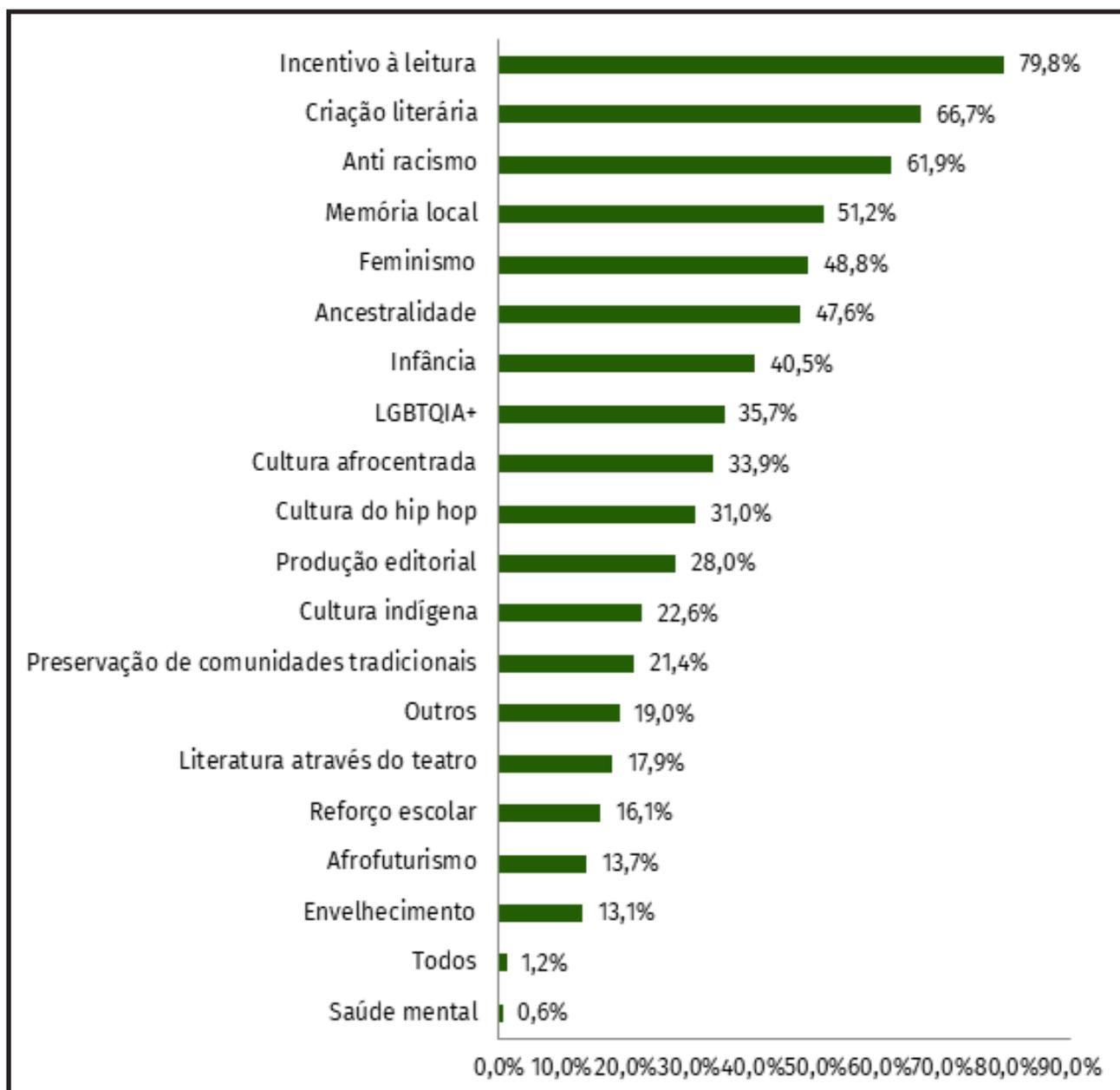
Coletivos formalizados (CNPJ)



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Temas que norteiam o trabalho do coletivo



COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

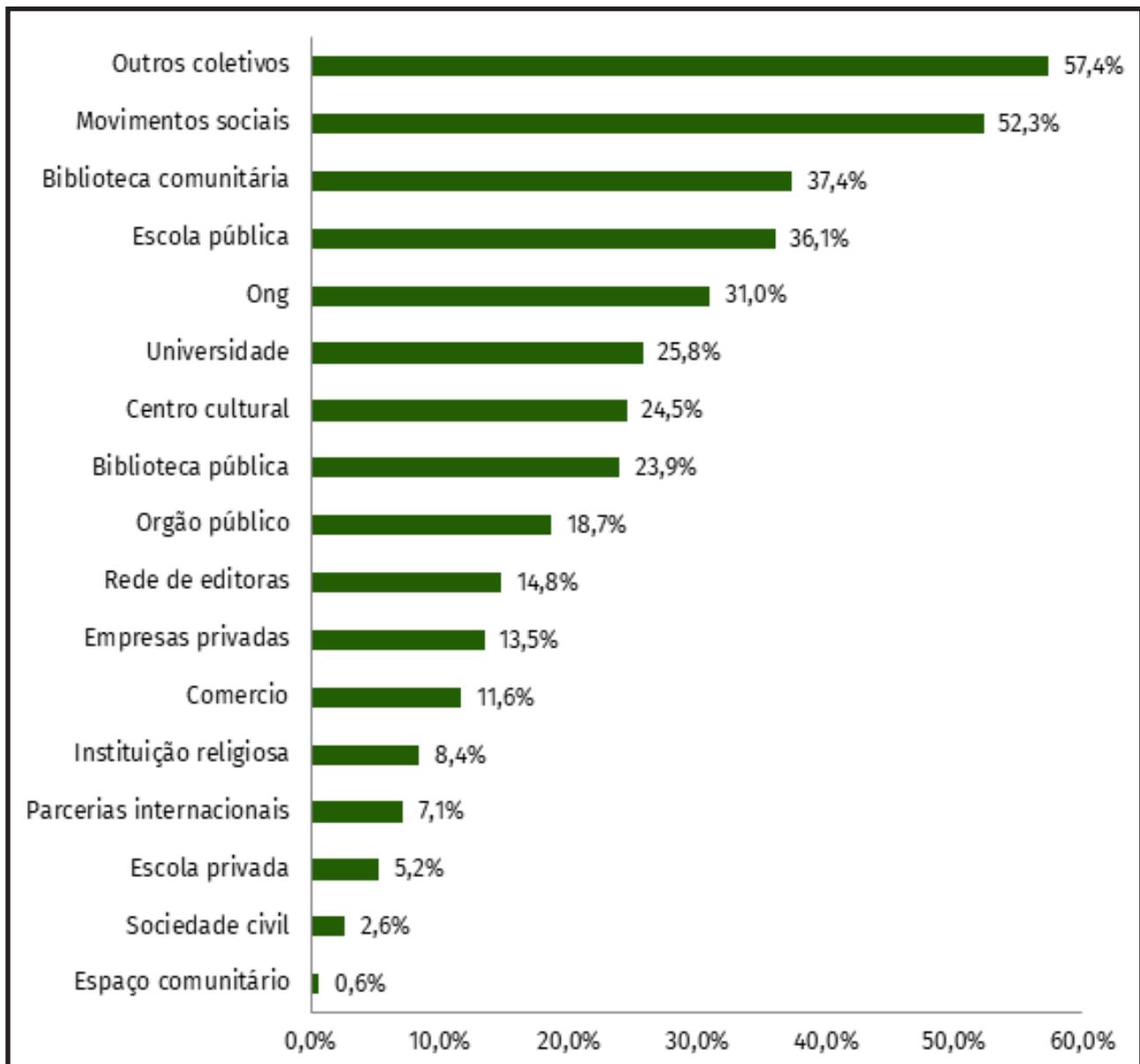
Tipos de ações que os coletivos promovem



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Parceria com outras organizações



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

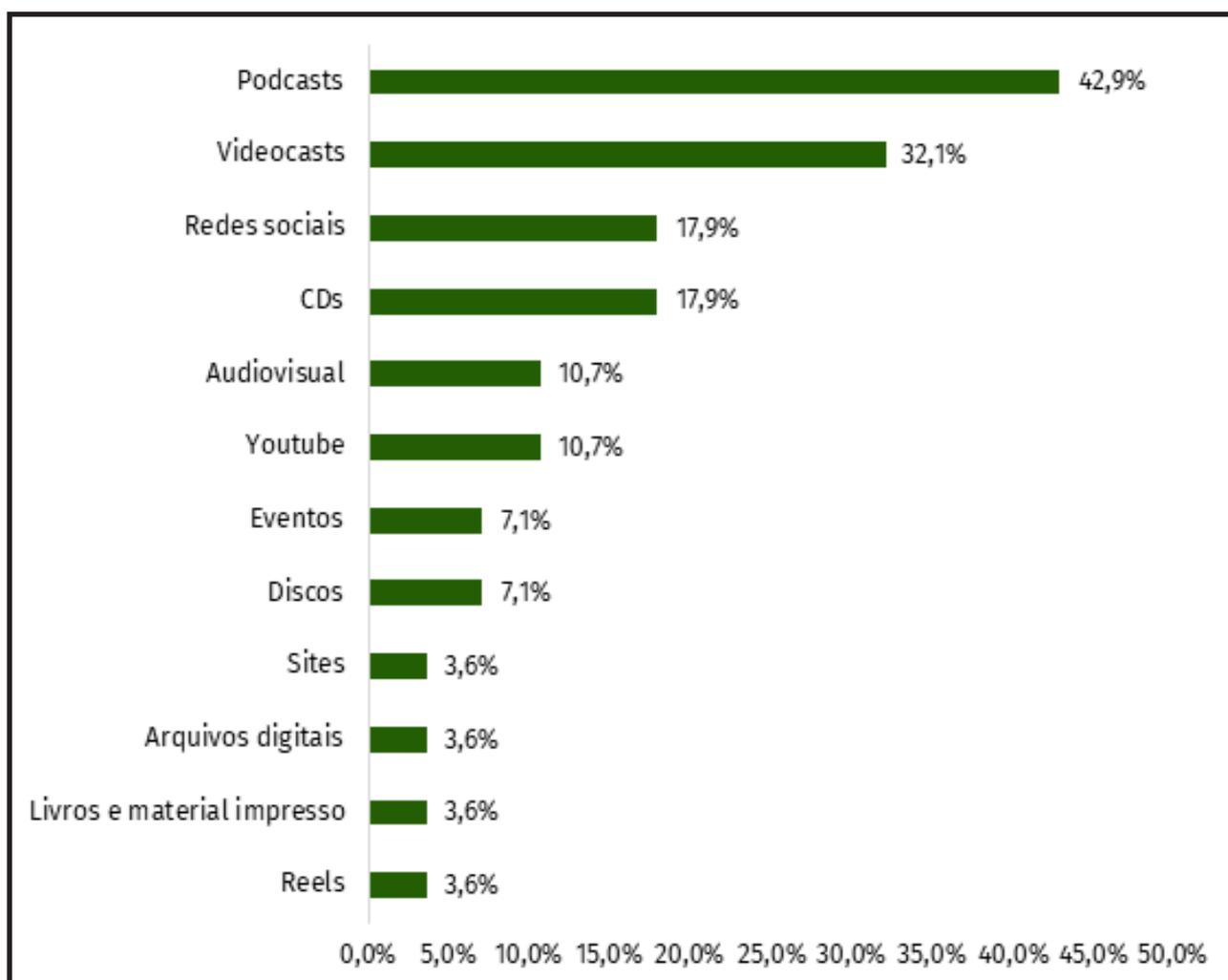
*Principais estratégias de mobilização
de público para as atividades do coletivo*



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

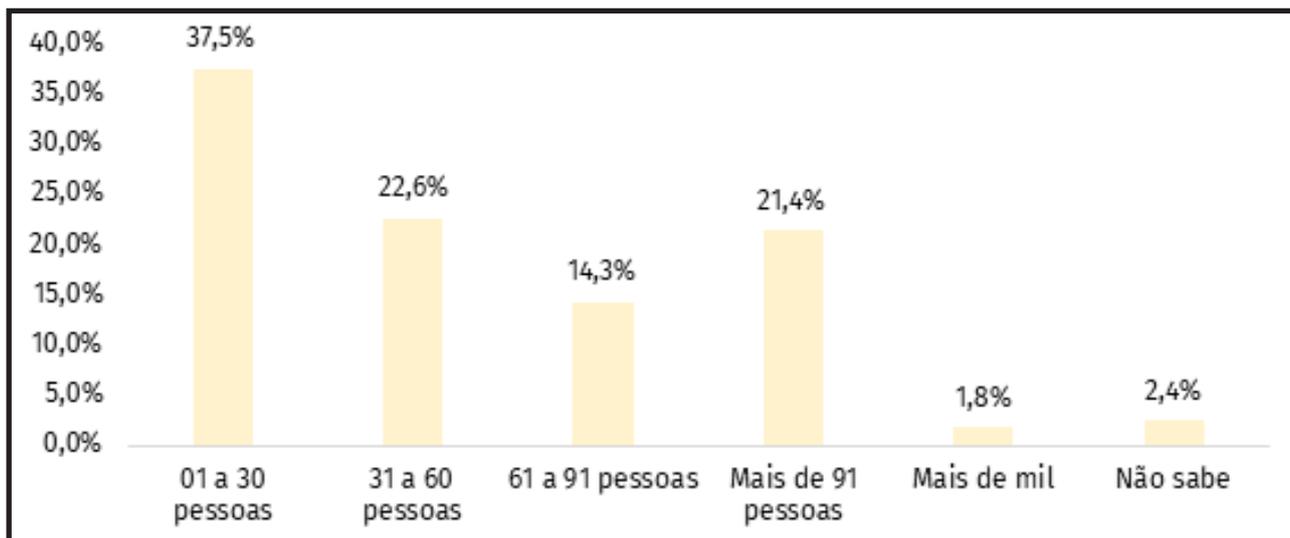
COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Utilização para circulação/recepção artísticas que valorizam a performance das poesias/prosas faladas/orais, os corpos-telas, oralituras em áudios, sons, paisagens e vídeos



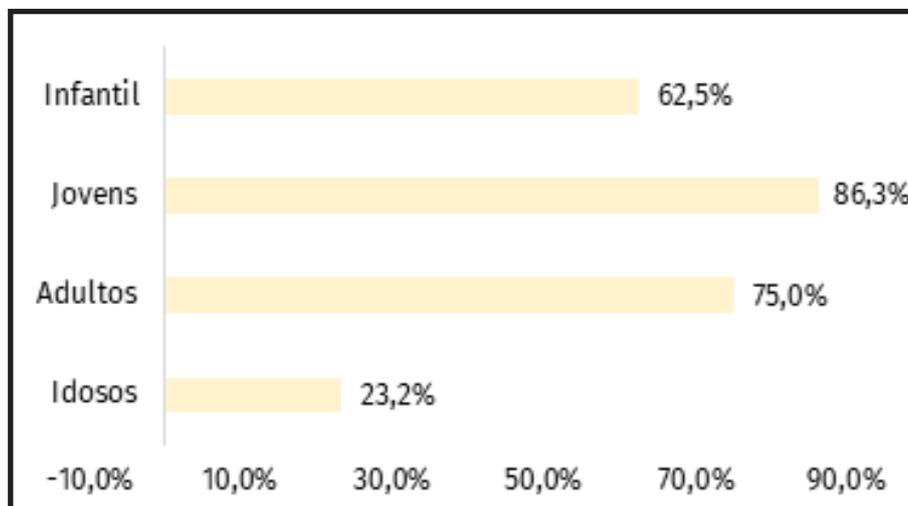
COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Quantidade mensal aproximada de pessoas que participam das atividades do coletivo como público



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

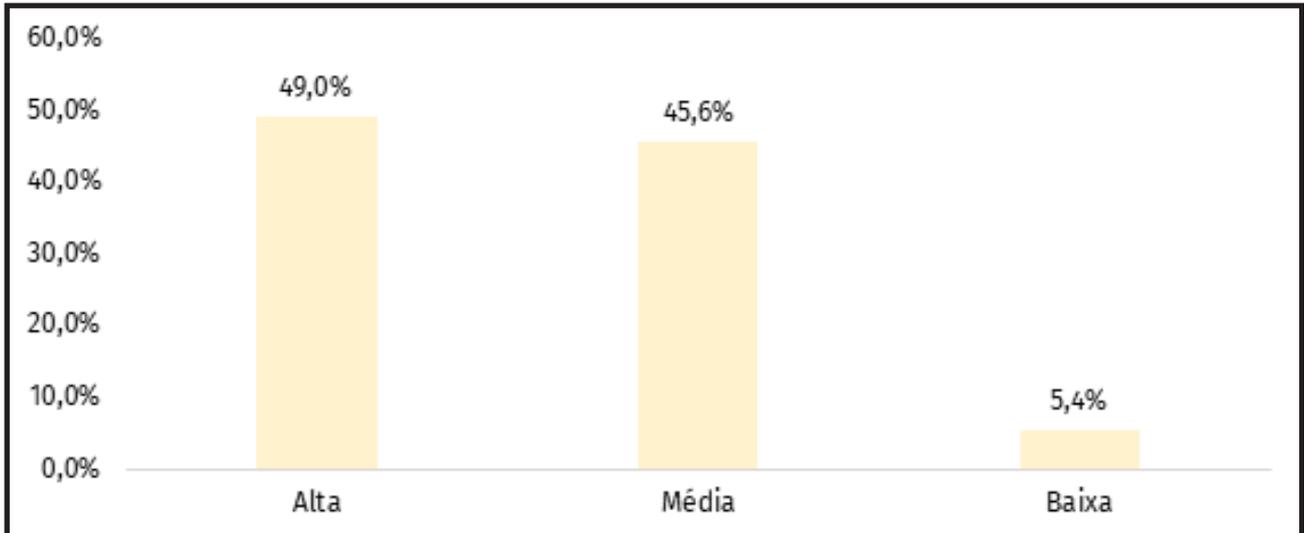
Faixa etária atendida pelo coletivo



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

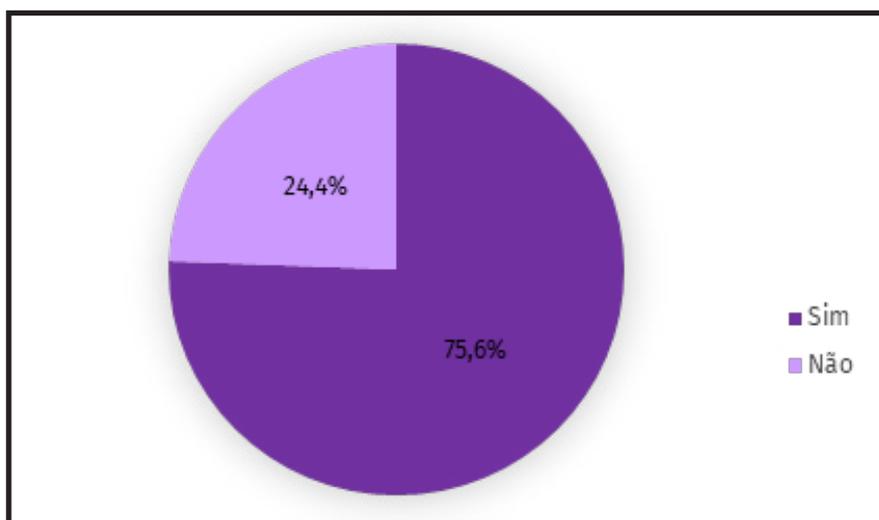
Frequência que o trabalho aparece como impacto positivo no depoimento de mães, pais, familiares nos hábitos dos filhos



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Realiza atividades para captação de recursos?



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

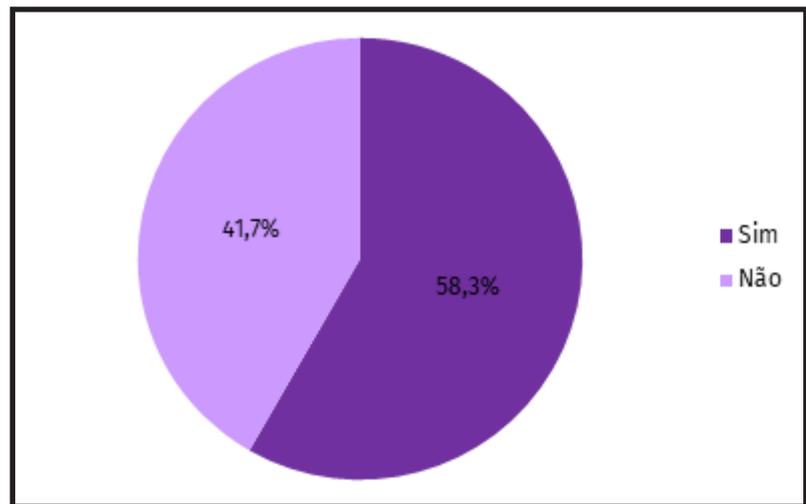
Se sim, quais?



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

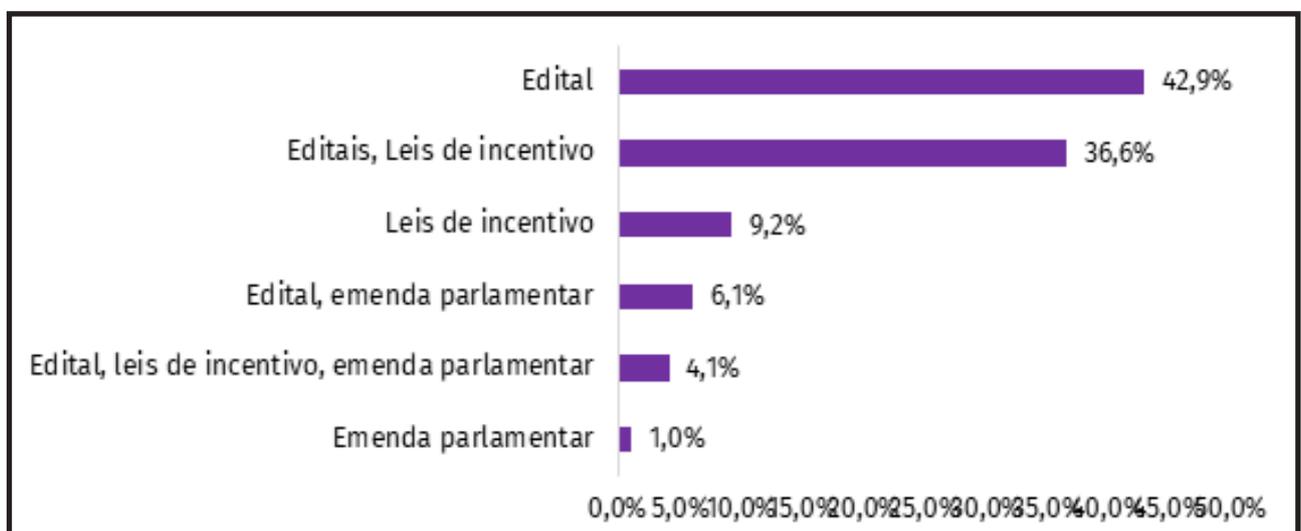
COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Acessou recursos públicos?



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

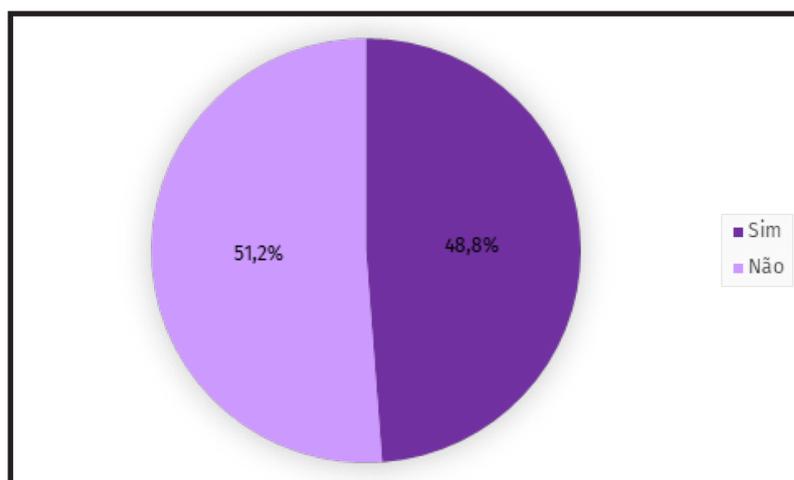
Se sim, quais?



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

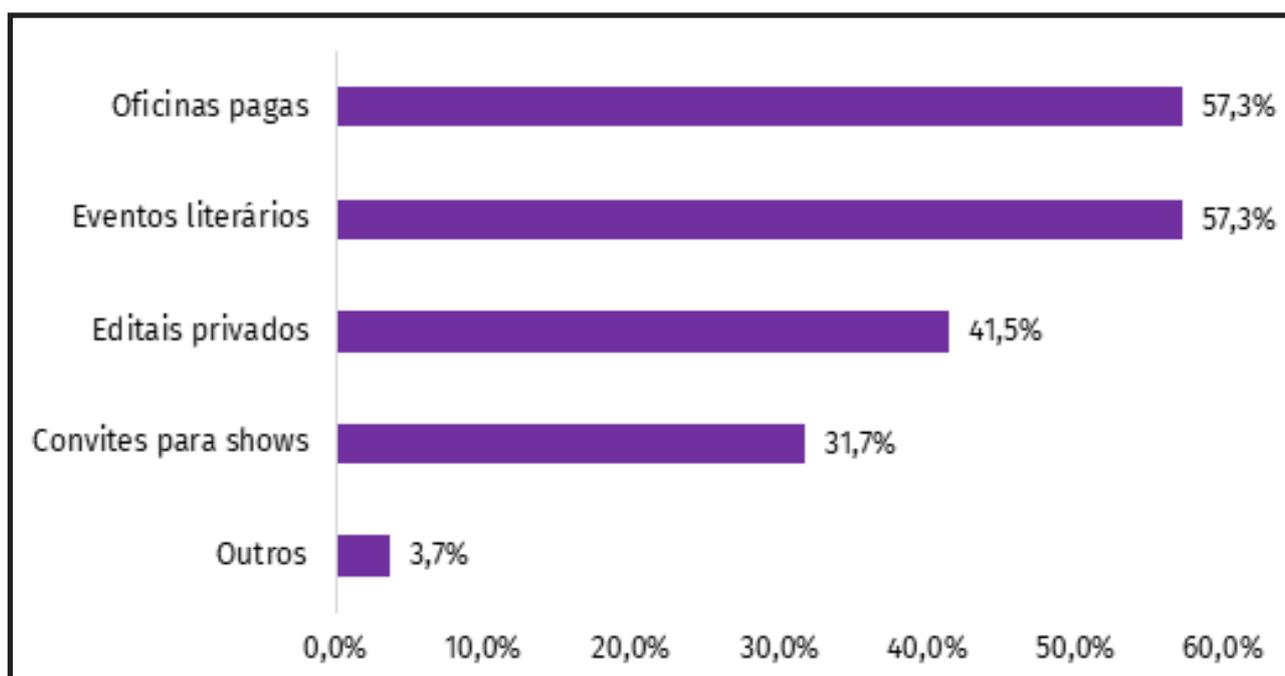
COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Acessou a recursos privados?



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

Se sim, quais?



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFERIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

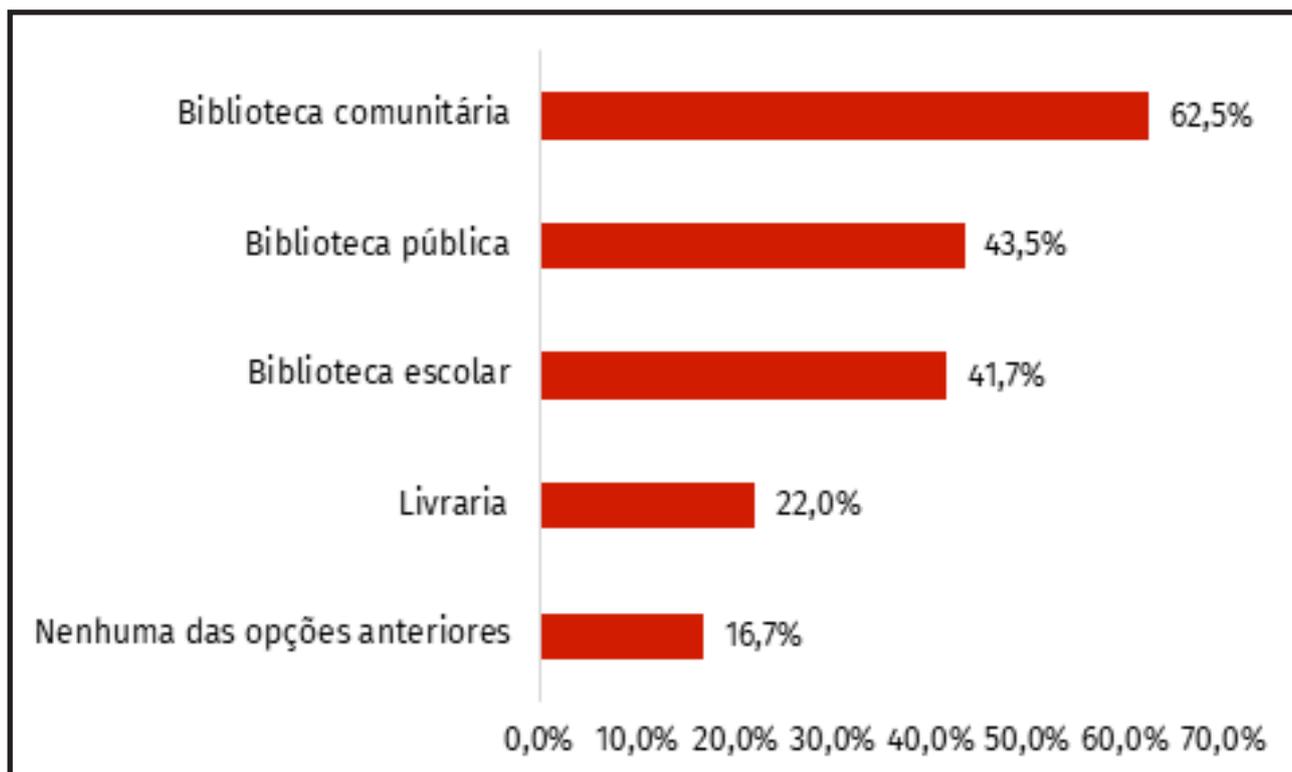
Violações que atravessam e impedem o pleno trabalho dos coletivos no território que atuam



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Equipamentos em funcionamento no território



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Atividade que é uma necessidade permanente para o território



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

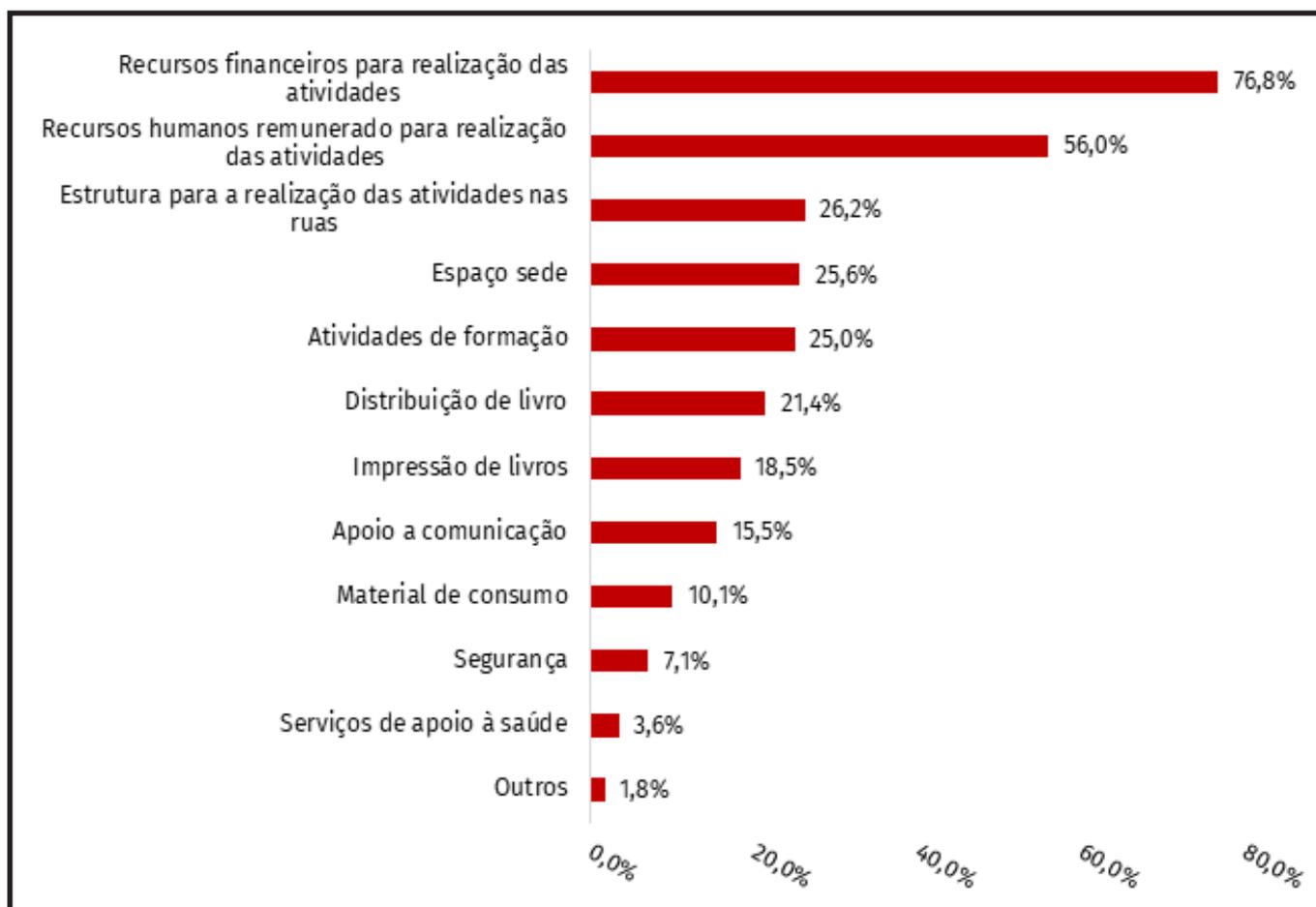
Demandas urgentes para o pleno funcionamento do trabalho dos coletivos



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Como o estado poderia fortalecer o trabalho dos coletivos



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

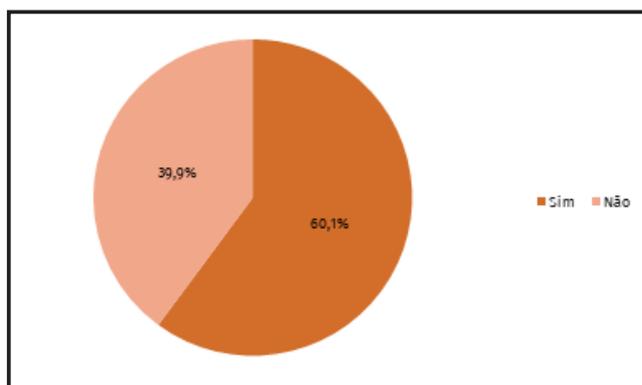
Políticas públicas que os coletivos gostariam de ver para territórios periféricos



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

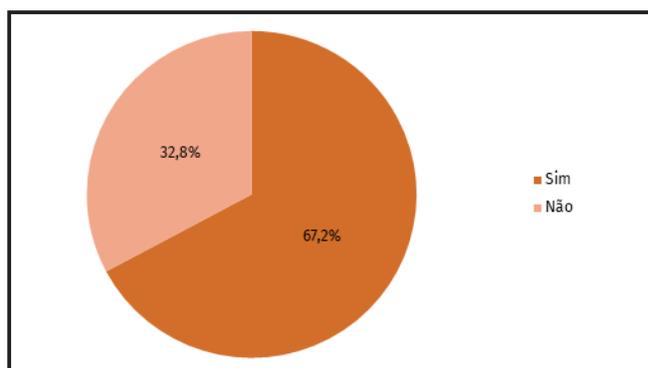
COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

O coletivo realiza publicações online e/ou impressas?



Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato

Se não publicou, tem interesse?



Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato

Caso não tenham publicado e tenham interesse em publicar, o que impediu?



Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato

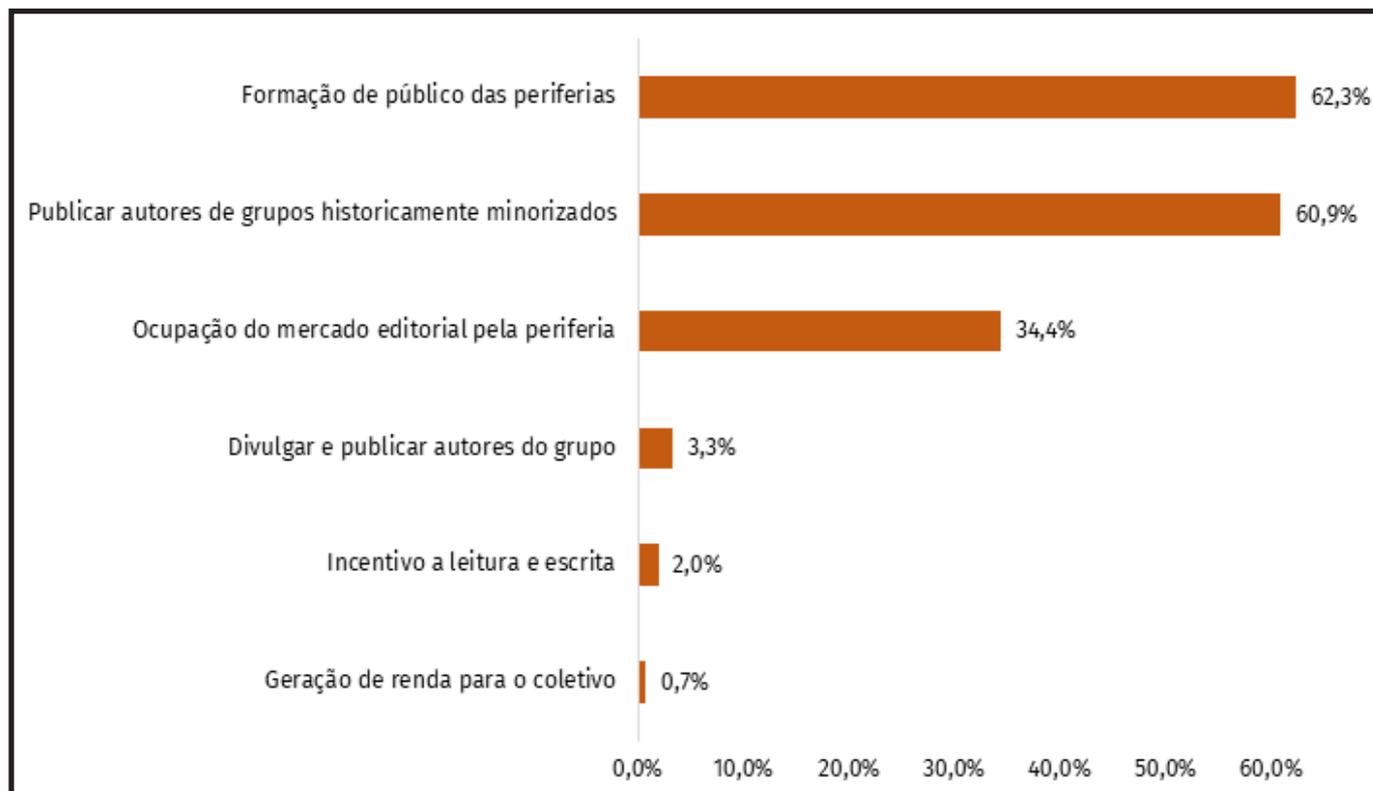
COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Processo de publicação



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

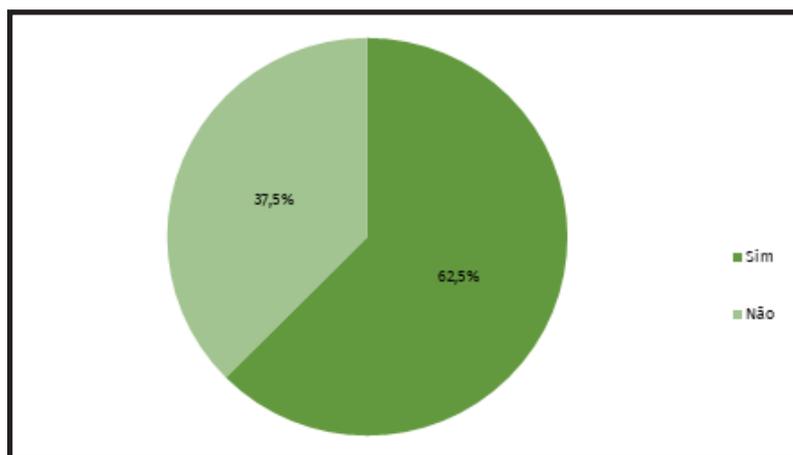
Objetivo das publicações



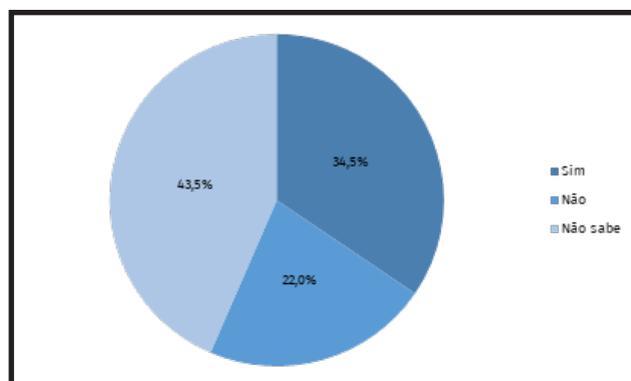
Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

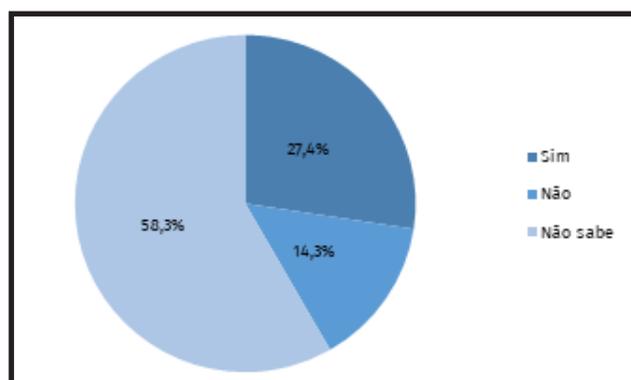
O coletivo conhece a política nacional da leitura e da escrita (PNLE - Lei 13.696)?



No seu estado há um plano estadual do livro e leitura?

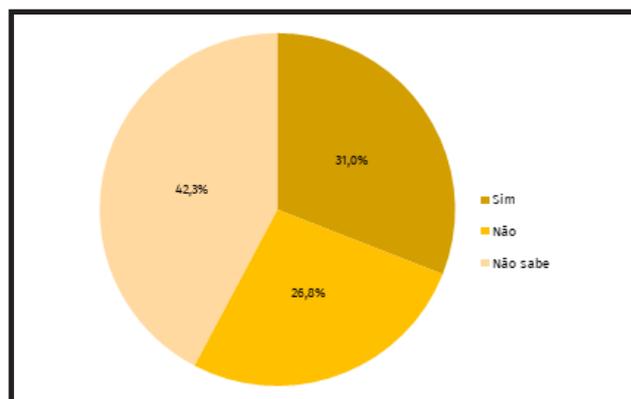


Se, sim, há Lei Estadual?



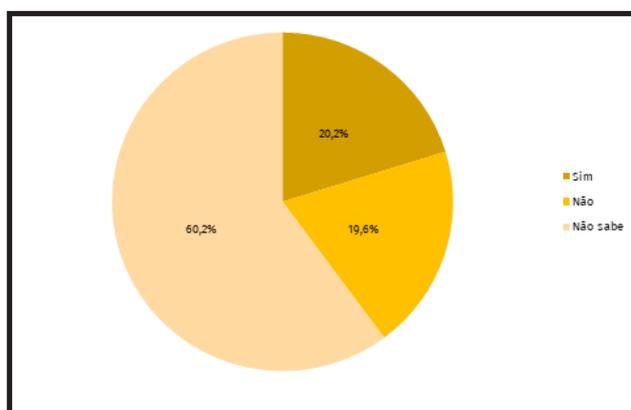
COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFERIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Na sua cidade há um plano municipal do livro e leitura?



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

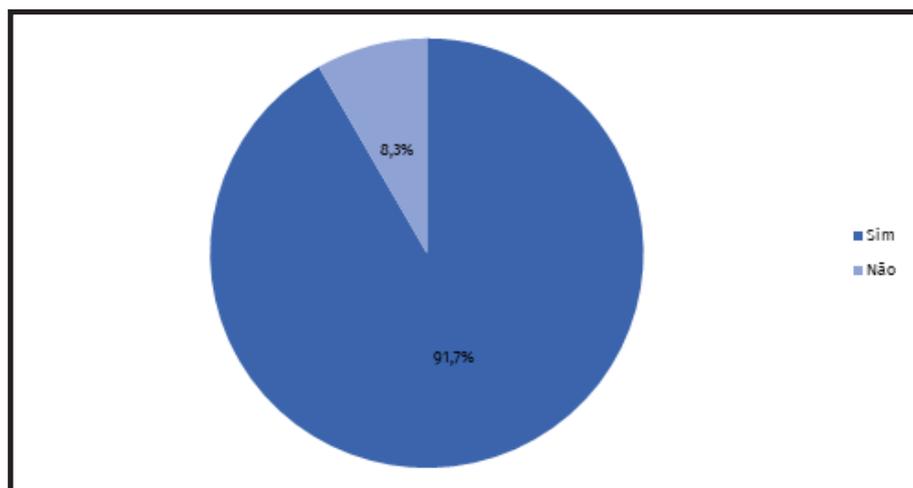
Se sim, há uma Lei Municipal?



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

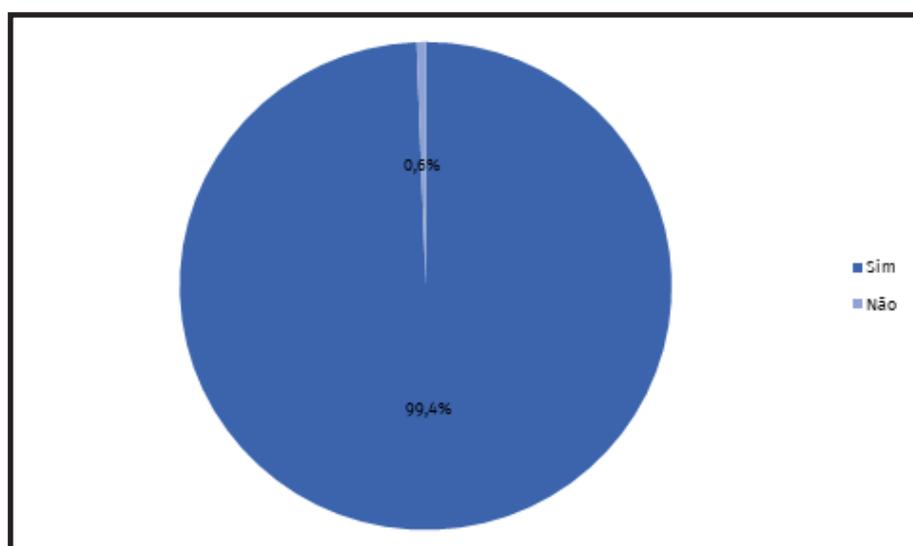
COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFÉRIAS BRASILEIRAS: UM RETRATO

Você sabia que a literatura e a saúde podem se conectar para promover maior participação social?



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

Você tem interesse em participar de uma rede que promova a participação social através de políticas públicas saudáveis para o campo do livro, leitura, literatura e bibliotecas?



Coletivos Literários nas Periferias
Brasileiras: um retrato

**CÍRCU-
LOS ME-
TROPO-
LITA-
NOS**

Os círculos metropolitanos aconteceram ao longo de duas semanas nos 8 estados da rede PBL.

Círculos Metropolitanos - BSB/GO

Imagem: acervo Coletivo Papo Reto



COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DO DF: COLETIVO PAPO RETO

O **Coletivo Papo Reto** surgiu no início de 2021, a partir de uma ideia da orientadora educacional Keila Nazaré da Cunha (SEE/DF), de constituir um corpo de pessoas integradas com a promoção de valores e do protagonismo no ambiente escolar, que originou o Projeto Papo Reto: Projeto de Vida, Cultura, Valores e Protagonismo Estudantil. O coletivo é um desdobramento desse projeto embrionário, envolvendo principalmente professores da rede pública do Distrito Federal que abraçaram a iniciativa, com escopo centralizado no desenvolvimento artístico-literário, visando amplificar os processos criativos por meio da literatura e da escrita.

CÍRCULOS METROPOLITANOS - BSB/GO

Jucelino de Sales

Coletivo Papo Reto

Consequiremos ser ouvidos a partir do que produzimos?

Em consonância com o cronograma apresentado no início da formação do curso de Territorialização de Políticas Públicas Saudáveis, coordenado e aplicado pela Rede Periferia Brasileira de Letras, no dia 27 de junho, conforme calendário apresentado, realizamos o Círculo Metropolitano Brasília/Goias. Aliás, reunião que abriu os Círculos Metropolitanos, cabendo a nós a posição de anfitriões desse laboratório que

almejou uma troca de experiências a partir da mobilização de coletivos locais, por meio de uma radiografia literária elencando escuta ativa e análise dos dados por amostragem do formulário que foi disponibilizado virtualmente com antecipação de quinze dias para preenchimento de coletivos diversos atuantes em cada metrópole (com escopo na literatura), e coletou, a partir de um leque de perguntas, demandas relacionadas a atuação dos coletivos em suas áreas de influência.

É preciso frisar que a etapa dos Círculos Metropolitanos, segundo o plano de ação compartilhado, sucede a gama de aulas disponibilizadas e problematizadas nas semanas anteriores, com efetiva participação dos coletivos envolvidos na formação, tanto assistindo semanalmente cada vídeo disponível na plataforma google classroom da Rede PBL, quanto interagindo nos encontros virtuais, realizados no início das noites das quintas-feiras, com debate online, imersão na Lei nº 13.696, de julho de 2018 (Lei Castilho), que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita, costuradas com reflexões sobre a temática e o conteúdo transmitido nas aulas.

Em vários encontros, a presença remota do convidado que desenvolveu e lecionou a aula, dinamizou o debate e o aprofundou paulatinamente, desde a aurora iniciatória que visou articular uma trama discursiva, social e política entrelaçando promoção da literatura com promoção da saúde, de maneira leve e gradativa, até a aula de encerramento da fase de formação que reverberou a potência dessa ideia intersetorial, uma vez que conclama o amalgama de dois



setores fundamentais para a utopia do desejo de transcendência da experiência humana brasileira historicamente negada que, por diversos fatores, se exprime como quase inalcançável para cada um de nós que habitamos as margens periféricas: a utopia do acesso efetivo, abrangente, solidário, comunitário e contundente aos bens de sobrevivência mínima, como alimentação, moradia, educação, mobilidade, saúde, etc., como também o gozo eficaz dos bens culturais, tal qual o direito à literatura na desmedida de um direito primordial de fruição, aprendizagens, visão de mundo e epifania.

O Círculo, além de integrantes do Coletivo Papo Reto e dos representantes da Rede PBL, Mariane, Felipe e Edson, contou com a presença de Marcos Vinícius – mais conhecido como Vinícius Jamelão, representante do Coletivo Nativo, de Ravena Carmo, representante do Coletivo Poesias Nas Quebradas, da professora Amparo, representando o Coletivo NEOLIM – Núcleo de Estudos, Organização e Difusão do Conhecimento Sobre Literatura Marginal – ligado à Universidade de Brasília, campus Planaltina. Amparo pontuou que o convite para participar do encontro veio da Ravena, ambas integram esse movimento de abordagem e reflexão sobre a poesia marginal, e encabeçam o projeto de pesquisa “Vozes e Escritos do Gueto: Trilhas e Trajetórias da Literatura Marginal no Distrito Federal”, que visa identificar, debater e compreender a história da literatura marginal produzida nas quebradas do Distrito Federal, a partir de chamamento público para preenchimento de formulário no primeiro semestre do ano corrente, cujo link pode ser acessado no endereço:

<https://forms.gle/Baiq9VHD1Dnw5YHP7>.

Antes do primeiro círculo ocorrer, foi disponibilizado pela equipe da Rede PBL o link de acesso ao formulário “Que políticas públicas queremos?”, com uma costura de questões que levantavam desde o segmento literário que o coletivo especificamente desenvolve, suas formas de atuação, bem como questões tangenciais referentes a acessibilidade às políticas públicas, recursos públicos e privados, e conhecimento da política nacional de

leitura e escrita. O formulário originou o Levantamento da PBL – um documento contendo dados estatísticos extraídos dos leques de questões direcionadas, a partir das respostas dos coletivos que foram alcançados no decurso da divulgação e chamamento, segmentado nos seguintes tópicos com os quais estabeleceram o rastreamento do escopo de cada coletivo que preencheu a pesquisa: perfil, território, políticas públicas, publicações, acesso a recursos, políticas de leitura, saúde.

No caso específico nosso – Brasília/Goiás – o formulário alcançou apenas quatro coletivos, os quais preencheram o instrumento, um alcance que representa tão somente 2,4% do montante total de coletivos das oito metrópoles envolvidas na pesquisa. Percentual que representa uma quota mínima, quase irrelevante, considerando a parcela de coletivos que atuam no Distrito Federal e no Estado de Goiás, e que revela que o impacto da proposta visada pela Rede PBL ainda não chegou nas zonas emergenciais de nossa metrópole, não conseguiu derreter as amarras duma conjuntura política pouco propícia para estabelecer a confiança num projeto de tamanha envergadura ambiciosa cuja propositura de políticas públicas envolvendo o livro, a leitura, as bibliotecas, a escrita, isto é, envolvendo o fortalecimento do senso crítico em prol de uma inteligência capaz de fazer a leitura da narrativa política inóspita em decurso, ainda carece de envolvimento e confiança, elementos esvaziados no rol dos desmanchamentos dos últimos anos. Uma hipótese aventada pode ser expressa na aura de desconfiança que orbita a coisa pública, aversão a propostas que se alinham ao político provindo do receio com que a atmosfera de polarização contaminou o cotidiano. Outra hipótese pode estar relacionada ao tempo destinado e às mídias instrumentadas para divulgação da proposta e dos links do formulário e da sala virtual do encontro que, devido ao curto período de publicização, devido à distância entre as cidades satélites que gera a dificuldade de estabelecer contato e diálogo com outros grupos, pode não ter alcançado outros coletivos diretamente envolvidos com o segmento literário. Vale pontuar que estiveram presentes no encontro as representações de dois coletivos

que não preencheram o formulário – Nativo e NEOLIM – o que pode significar que acessaram somente o link do encontro e, mesmo ponderando que após a reunião poderiam ainda preencher o instrumento de coleta, não fizeram jus a essa informação.

Os quatro coletivos que preencheram o Levantamento da PBL foram: Uniduniler todas as letras, Poesia nas Quebradas, Omó Ayó e Papo Reto.

Felipe, representante da PBL, abriu a reunião explanando uma síntese dos objetivos da Rede, em que pontuou que “a ideia da Periferia Brasileira de Letras é exatamente a construção de uma rede entre coletivos literários que possa ter incidência em políticas públicas”, lançando em seguida a pergunta que movimenta essa ideia “Quais políticas públicas?”. Salientou que a resposta óbvia contempla as políticas públicas alinhadas à cultura e ao campo do livro, da leitura e da literatura, e sublinhou a ideia de círculo como uma roda giratória que atravessa as metrópoles inicialmente envolvidas, que no caso específico de Brasília possuem as regiões administrativas como correspondentes de suas margens periféricas, compreendendo nessa circularidade que o conhecimento é um giro contínuo, um ir e vir ininterrupto.

Ressaltou-se que a PBL intenciona trabalhar políticas públicas, visando compreender com quais políticas públicas essa diversidade e modos de fazer literatura, esses vários coletivos estão pensando em fazer, ou já têm um acúmulo sobre isso há muito tempo.

Em seguida, apresentou-se os dados do Levantamento da PBL, especificamente os dados referentes a Brasília/Goiás, a partir do mapeamento que identificou alguns paralelos, tal como a dificuldade de formalização, em que, na amostragem, nenhum dos quatro coletivos possui o status de formalizado, fato que opera como um dos implicadores para inacessibilidade a recursos públicos, uma vez que é desgastante e burocrático o crivo da jurisprudência, um impedimento significativo devido à dificuldade de escrituração e submissão de um estatuto de associação, formação de equipes de coordenadoria dentro da organização

do coletivo, abertura de conta jurídica, registro no livro de ata, constituição de conselho fiscal, etc., mas, infelizmente movimento legal necessário, dentro da legislatura vigente, para alcançar alguns tipos de fomentos públicos e privados.

Um dos principais pontos debatidos foi a divergência de pensamento em relação ao conceito de literatura marginal que, por já estar contaminado com os arranjos da teoria literária tradicional, amarrada a uma estrutura de formalização que se estatui com o que inicialmente se estabeleceu como marginal no contexto literário brasileiro, ainda estagnada em textualidades de natureza escrita, não contempla uma literatura específica produzida em Brasília pelos grupos periféricos. Assim, comentou-se sobre a noção de literatura marginal periférica - conceito ainda em debate escavatório de seus sentidos e limites teóricos - ideia cultivada, em discussão e explorada pelo NEOLIM, e que difere potencialmente do nicho estudado pela renomada professora Regina Dalcastagnè, com diversos trabalhos em cursos sobre literatura brasileira contemporânea. Jhenifer, integrante do coletivo Papo Reto, ponderou que em relação aos estudos de Dalcastagnè “apesar de fazer um mapeamento de romances e contestar o espaço da literatura brasileira contemporânea, o nicho ainda é muito distante do que a gente entende por literatura marginal, literatura periférica”, na medida em que “o grupo de pesquisa da Amparo e o mapeamento que elas estão realizando consegue dialogar e chegar muito mais na periferia que a Regina Dalcastagnè”, que faz um trabalho de laboratório e não de campo, uma vez que, como Felipe completou, a pesquisadora faz “uma pesquisa sobre a literatura de mainstream, de mercado”, que, embora abarque a parte que falta da literatura estabelecida e seja um estudo importantíssimo, não dá conta da grande porção da borda periférica que permanece invisibilizada e, por exemplo, não contempla a autoria pontualmente periférica e, além disso, sua atuação se localiza no campus central da UnB, sua investigação se liga ao texto escrito no formato livro (estagnando-se na forma literária tradi-

cional), sem qualquer alcance a outras formas do fazer literário e aos escritores residentes nas bordas periféricas.

Guinada contraproducente a essa perspectiva tradicionalista corresponde o exemplo referente ao resultado do segundo volume de Poesia nas Quebradas, organizado por Ravena e seu coletivo, que recebeu texto de apenados do sistema prisional da Papuda e Cascavel, e a divulgação do trabalho sobre a literatura marginal periférica em consonância com pessoas ligadas ao espaço social (familiares dos apenados), com divulgação do projeto tanto fora quanto também dentro das penitenciárias, com participação dos entes privados de liberdade.

Nesse sentido, é preciso deslocar a literatura produzida no centro para a literatura produzida na marginalia, um movimento de divergência contra o literariamente estabelecido e, ao mesmo tempo, de convergência entre as diversidades literárias, que leva à pergunta: De que forma, implementando quais estratégias, conseguiremos ser ouvidos a partir do que produzimos? Ou melhor, como atingir algum público leitor se não há uma política de edição, publicação e difusão democraticamente acessível?

Essa, aliás, foi uma das demandas sublinhada pelos coletivos, no quesito políticas públicas, enquanto projeção estruturante para o devir: publicização das ações e publicação do material produzido, sendo acachapante a impressão de livros como desejo ambicionado no horizonte utópico.

Como um horizonte de solução para o caso de publicização das ações, levantou-se o ideário, no raciocínio de Felipe, de fomentar a partir da força de uma rede de coletivos a implementação de uma “agência pública que conseguisse resolver institucionalmente de modo mais permanente possível a vida de materiais de impressão e também criação de designer de coletivos que atuam em territórios de favela, enfim, coletivos culturais”, eventualmente uma conta mais barata do que acessibilidade a um edital cujo recurso pode ou não ser acessado e, caso acessado, pode ser impeditiva a participação do coletivo em uma outra edição, já que foi contemplado na anterior.

No segmento “Território” demarcou-se como ponto relevante as violações impeditivas do coletivo nos locais onde atuam – desemprego, violência policial, violência urbana, lgbtqiáofobia – com foco específico na escalada da violência com que o ambiente escolar se deparou no retorno presencial pós-pandemia, a partir da agressividade latente nas ações dos jovens imaturos e infantilizados, deficientes de leitura de mundo, de senso crítico, tolerância com outro, alteridade, cujo isolamento familiar prolongado acentuou essa gama de deficiências.

Discutiu-se também a carência de políticas voltadas para ao acesso à publicação do material produzido pelos coletivos, a necessidade de fortalecimento das editoras independentes, a proveitosa dissolução da literatura (tradicionalmente ligada ao texto escrito) em inúmeras outras formas literárias (cultura hip hop, grafite, performance poética, batalha de rima, etc.), de maneira a abarcar democraticamente a diversidade estética em projetos artísticos heterogêneos que dilatam o panteão literário para experiências inovadoras e representativas do nosso tempo. Mas que, para além de uma concepção inclusiva, a exemplo do trabalho do Poesia nas Quebradas, que revelou poetas do regime socioeducativo, todas essas formas alcancem acesso e acessibilidade, isto é, a formação de um público que acesse com plenitude e gozo esse conteúdo, condição que demandam políticas públicas assertivas, preparadas, pontuais, descentralizadas e abrangentes.

Outro ponto convergente na incidência das políticas públicas para territórios periféricos se refere ao orçamento participativo e à distribuição equânime de recursos para a cultura, sublinhando a ausência de política efetiva por parte do executivo que alcance cada coletivo ligado ao segmento literário, desde aqueles que atuam mais próximo do centro até aqueles localizados nas bordas mais extremas, possibilitando uma convergência do orçamento em todos esses espaços, visando abarcar todos os envolvidos no processo, desde o artista ao público leitor, passando pelos intermediários (editoras independentes, bibliotecas comunitárias), por meio de uma cos-

tura democratizante e em rede. E suscitou-se que, talvez, no ano vindouro, caso a conjuntura política desborde outros contornos, caso a narrativa seja transgressivamente libertária, caso haja ressurgimento do ministério da cultura, e fortalecimento de outros ministérios, como o da saúde e o da educação, uma política pública com essa dimensão emane das projeções e das especulações em enredamento para salvaguardar nossos anseios.

Para além dos pontos relacionados à esfera mais próxima do político e discriminados no Levantamento, surgiu, ao final, a ideia de pensar também a produção literária, não apenas no campo da ficção e da poesia, mas também no espaço da crítica, da formulação dos estudos teóricos, da pesquisa de campo, potencializando novas análises que extrapolem o circuito da literatura de centro e, tangencialmente desenvolvam a exploração das literaturas produzidas no território marginal e periférico, uma vez que, observa-se o empenho de artistas militantes e acadêmicos integrados aos coletivos de Brasília, visto que ocupam a universidade e as aparelham para os territórios.

Fez-se a proposição de uma revista literária, que atinja os olhares que estão falando da produção literária efervescente nas periferias e que não estão ligados às universidades, ou melhor, que não estão ligados a projetos universitários que abdicam das formas de criatividade periférica, ainda alienados a um olhar hegemônico que não escapa do centro.

A criação de uma revista de investigação literária, que se aproprie do marginal e periférico, foi ideia muito elogiada, que abre muitas possibilidades, na medida em que, como exposto por Felipe, se propõe a pensar a literariedade das coisas, a olhar o fenômeno da vida pela pujança da literatura, que se completa nas palavras de Eduardo, graduando em Medicina Bioquímica na Universidade de Voronezh - Rússia, e integrante do coletivo Papo Reto, “militância orgânica pela literatura, você se sente parte do processo e o transforma”, na guinada do pensamento de Paulo Freyre, “todos se educam em comunhão”.

Embora com um quórum pequeno, o encontro

potencializou ebulição de ideias e perspectivas, bem como a partilha sensível de angústias, esperanças, risos e possibilidades, que na expressão dos idílios aventados, de uma agência pública operacional e facilitadora da publicização e uma revista literária voltada devida e detidamente para as margens das margens – a literatura marginal periférica – eclodam políticas públicas que efetivem o livro, a leitura, as bibliotecas, e as literaturas, como artigo fundamental de nossas experiências humanizadas e humanizadoras.

Texto: **Jucelino de Sales**
representante do Papo Reto

Revisão: **Jhenifer Emanuely R. dos Santos**
integrante do Papo Reto

Círculos Metropolitanos - RJ

Imagem: acervo Ecomuseu de Manguinhos



COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DO RJ: ECOMUSEU DE MANGUINHOS

Integrante da Periferia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro, e um dos idealizadores dessa iniciativa com a Fiocruz, o **Ecomuseu de Manguinhos/Redeccap** é um museu sem paredes que atua na favela que lhe traz o nome desde 2008. No decorrer de sua atuação, produziu documentários, exposições fotográficas, rádio livre, festivais, seminários e mesas de debates, com ênfase nas narrativas literárias periféricas. Desde 2015, a partir da Agenda Cultural Mandela Vive, iniciou a Residência Literária Favelofágica. A qual, atualmente na sua terceira edição, produziu quatro romances inéditos, perseguindo um tipo de literatura que, ao se importar com as questões sociais, busca abordá-las trazendo menos o grito do protesto e mais ferramentas libertárias da comicidade, com o objetivo de agudizar a crítica política na forma. Na mesma direção, ao seguir com o mote audiovisual, lançou em 2022 o documentário *Alta Literatura Popular* e atualmente está em processo com um conjunto de atividades literárias que envolve rodas de leituras, exposição itinerante, pesquisa sobre hábitos da leitura e, claro, novas temporadas de residência literária. Está às vésperas de ter uma mudança em sua nomenclatura para Museu de Invenções Literárias Periféricas (MILP) e consolidação desse rebatismo no cadastro no Instituto Brasileiro de Museus.

Círculos Metropolitanos - RJ

Imagem: acervo Rede Baixada Literária



COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DO RJ: REDE BAIXADA LITERÁRIA

A **Rede Baixada Literária** é um coletivo de 20 bibliotecas comunitárias que, conduzido exclusivamente por mulheres, atua para contribuir com a democratização do acesso ao livro, à leitura e à literatura como Direito Humano na cidade de Nova Iguaçu. Surge em 2009 com intuito desenvolver melhores hábitos de leitura e escrita nas comunidades periféricas do município. Tem enquanto princípio a literatura como direito humano.

Para incentivar a leitura, promove diversas ações nas comunidades: sarau literário, ocupa literatura, bate papo com autores, concurso de poesias, roda de leitura, parada do livro, seminários, contação de histórias, jogos literários e empréstimos de livros.

Incentivada pelo Programa Prazer em Ler do Instituto C&A se tornou um movimento literário no Município integrando vários atores em prol do livro, leitura, literatura e Bibliotecas. De 2011 à 2014, a Rede Baixada Literária dedicou esforços e estabeleceu parcerias para elaboração do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, aprovado na lei 4.439 em novembro de 2014.

Integra a Rede Estadual de Bibliotecas Comunitárias do Rio de Janeiro (REBCRIO) e a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC).

Círculos Metropolitanos - RJ

Imagem: acervo Sarau Poesia da Esquina



COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DO RJ: **SARAU POESIA DA ESQUINA**

O movimento cultural da Poesia de Esquina atua há dez anos a partir da Cidade de Deus, favela localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro e tem se dedicado à realização de eventos públicos, oficinas literárias voltadas ao público infanto-juvenil e de mulheres, além de articulação para a publicação de livros de novos autores afro-indígenas e residentes em favelas.

O público é extremamente variado nas atividades realizadas: estudantes, donas de casa, crianças, idosos e trabalhadores. O objetivo da iniciativa é promover o acesso à literatura e à poesia, além de estimular a escrita e a formação de novos autores. Em 2019, foi fundada a Esquina Editorial: a primeira editora com sede numa favela carioca, que já publicou quatro obras, entre elas a antologia “Poesia de Esquina”, volume 0, que conta com 38 autores frequentadores dos eventos literários na Cidade de Deus.

Os eventos culturais realizados produzem uma atmosfera de troca, acolhimento e respeito, e dessa forma estimulam a criatividade artística. As ações caminham em direção ao acesso, à universalização da leitura, do livro e do incentivo à criação literária. A partir da poesia falada e da literatura, buscamos relações com o teatro, a música, a fotografia e o audiovisual. Em um novo ciclo, o movimento tem buscado se engajar em novos horizontes, ações e projetos em diálogo ao debate público sobre o acesso a políticas culturais, cidadania e a questão ambiental.

CÍRCULOS METROPOLITANOS - RJ

Isadora Escalante

Rede Baixada Literária

Participaram 22 pessoas do Estado do Rio de Janeiro, sendo duas de comunicação da PBL, um coordenador do PBL e três dos coletivos regionais integrantes do PBL. Em sua maioria, os participantes eram de Bibliotecas Comunitárias, o que condiz com os dados coletados no formulário.

Obteve-se no encontro representações das cadeias criativa, produtiva e mediadora do livro. Das quais se apresentaram após a exposição da proposta do encontro.

Considerou-se a importância de ações de incentivo à leitura e de formação de leitores como fator crucial para as periferias, bem como a falta de apoio governamental para tais ações.

Enfatizou-se que o estado poderia fortalecer o trabalho dos coletivos por meio de atividades que não necessariamente precisam de recursos financeiros, como é o caso de atividades de formação.

Alguns atores apontaram a necessidade de apoio para formalização dos coletivos - criação de CNPJ - para acessar recursos públicos via edital a fim de atender a burocratização.

Indicou-se o potencial da Periferia Brasileira de Letras (PBL) para união de forças para disputar as políticas públicas e fazer com que a literatura seja entendida como um direito humano pelos periféricos.

Discutiu-se, ainda, o apoio para os autores e suas publicações. O movimento em Rede faz com que esse conteúdo alcance as bases comunitárias.

Manifestou-se no debate a situação em que se encontra o Plano Estadual do Livro Leitura, Literatura e Bibliotecas do Rio de Janeiro e apelou-se para que a PBL poderia ser um caminho para construção das diretrizes para a efetivação da Lei nº 8246 de 10 de Dezembro de 2018.

Encerrou-se o encontro com o poema “Aprende” extraído do livro “O livro de Martim” do autor Daniel Franco.



APRENDE, Daniel Franco

*Aprende a escutar o abandono
no eco dos seus passos sobre a terra nua.
Aprende nomes de árvores e de pássaros
porque são mais duradouros que o seu nome.
Aprende uma canção de esperança,
uma canção de consolo, e uma canção
de revolta, pois um só cantar não basta.
Aprende a justificar o seu corpo
e ao justificar o seu corpo aprende
a justificar o seu amor.
Aprende que nasceu no tempo turvo,
no tempo impreciso do desejo,
no tempo ruidoso do ódio.
Aprende que o seu pai e a sua mãe
são sombras feridas sob a terra.
Aprende que quanto mais se odeia um país
mais é possível amá-lo.*

Círculos Metropolitanos - PE

Imagem: acervo Biblioteca Comunitária Caranguejo de Tabaiães



*COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO
METROPOLITANA DE PE:*

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA CARANGUEJO DE TABAIARES

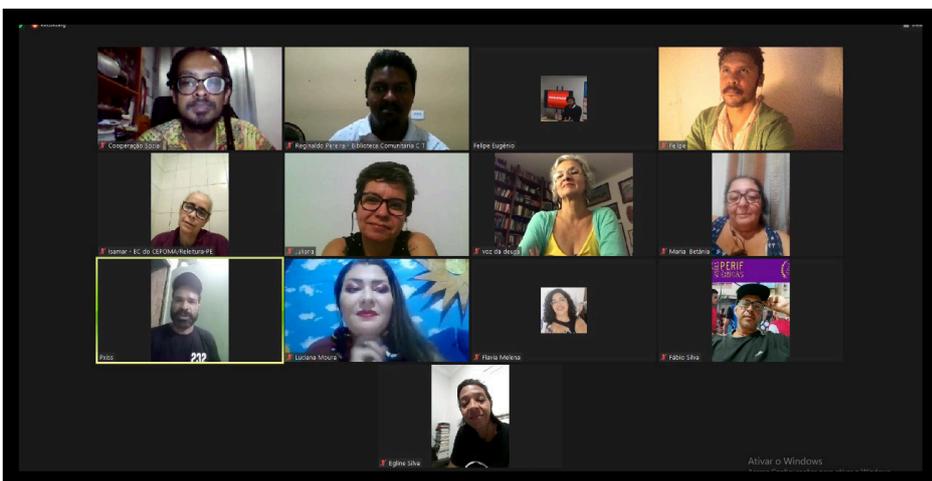
A Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães, localizada na comunidade periférica do Recife que leva o mesmo nome, é uma instituição que promove o incentivo e a democratização do acesso à leitura oferecendo atividades de mediação de leitura, contação de história, além de oferecer aulas de francês, encontro com escritores, saraus e ainda participar das ações que discutem as políticas públicas de leitura, literatura e biblioteca com direito humano.

Também estamos construindo juntos com diversos parceiros como a UFPE, UFRPE e organizações da sociedade civil para garantir as comunidades periféricas um intercâmbio e compartilhamento dos projetos em comum, para fortalecer a luta por mais condições de manter as Bibliotecas e espaços de leitura vivos em nossos territórios.

CÍRCULOS METROPOLITANOS - PE

Reginaldo Pereira

B. C. Caranguejo Tabaiares



No dia 29 de junho tivemos nossa reunião junto a coletivos literários, bibliotecas comunitárias, e editora independente, depois que esses coletivos participaram do preenchimento de um formulário disponibilizado pela rede PBL com intuito de fazer um diagnóstico de como está o trabalho dos grupos que atuam com o livro, leitura, literatura e bibliotecas e sobre como tem sido a participação e acompanhamento das política públicas na área na região de Pernambuco. Conseguimos coletar informações de 36 coletivos de Pernambuco.

A reunião foi conduzida por Felipe Eugênio coordenador da PBL da Fiocruz, com a participação de Edson da equipe da PBL e ainda Reginaldo Pereira da Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiares, representante da rede PBL em Pernambuco. Em comparação ao número de formulários preenchidos (36 respostas), tivemos uma baixa representação no encontro online que realizamos, mas podemos dizer que tivemos um rico no debate, além de reunirmos uma diversidade de movimentos que estiveram no encontro.

O Felipe apresentou os dados gerais que conseguimos coletar com participação dos coletivos de Pernambuco, mas centralizamos as discussões nas informações sobre a política pública que temos e o que estamos construindo em diálogo junto ao setor público responsável pela execução das ações de leitura, literatura, livro e biblioteca.

No Debate dialogamos sobre a situação da formalidade dos coletivos e como isso tem limitado aos coletivos informais captar recursos para suas atividades. Tivemos pessoas que defenderam a importância da formalização para que possamos ter nossa organização habilitada para acessar essa linha de acesso a recursos, que ajude a garantir

nossa sustentabilidade. Uma outra questão que discutida foi sobre as leis que são aprovadas mas não tem um orçamento para garantir a sua execução. Isso tem sido um grande problema para os coletivos que ficam esperando o governante destinar recursos para o seguimento da literatura. Também foi relatado sobre o programa da Fun-cultura que tem recursos para iniciativa culturais, mas que não é suficiente para a demanda da sociedade que quer desenvolver atividades culturais em nosso estado.

Agora uma coisa muito importante nos círculos em Pernambuco foi a troca de experiência entre nossos coletivos e a necessidade de construirmos um espaço de diálogo e troca permanente entre nossas ações para que possamos conhecer melhor as atividades que cada um desenvolve. E ainda, a possibilidade de realizarmos atividades em conjunto, como também acompanhar as discussões das políticas públicas de leitura, livro, literatura e Biblioteca no estado.

SEM TÍTULO **Professor X**

Eu não sou guerreiro, eu tenho que ser!
Às vezes eu sinto vontade de chorar, de correr...
O foda é que não dá tempo.
Há luto e luta todo dia.
Se eu mesmo não tiver fê em mim, quem vai ter?
Não sou guerreiro - já falei.
Mas dentro da batalha eu tô.
Ontem mesmo um dos meus na luta se acabou.
Não pranteei, não deu tempo.
Esse tal de tempo sempre voou!
Aí as vezes penso que se eu for lutar só por mim,
que tipo de preto eu sou?!
Genocídio "silencioso" é o caralho!
Só se for pra quem não quer ouvir nem ver.
Chega aqui na favela
e escuta o barulho dos preto a sofrer Invisibilizados
e esquecidos por pseudo intelectuais
que ficam apenas a ler!
Vão se fuder!!!
Se a gente não se juntar e lutar agora,
então quando vai ser?

Círculos Metropolitanos - SP

Imagem: acervo Editora Kitembo



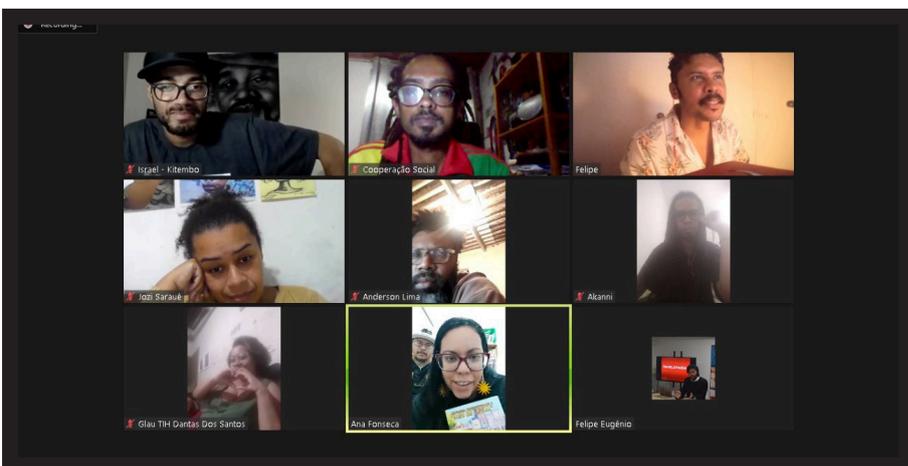
COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DE SP: **EDITORA KITEMBO**

A **Kitembo** é um selo editorial fundada no fim de 2018 com o objetivo de disputar o imaginário e projetar conceitos positivos das culturas negras e afro-brasileiras por meio da publicação de livros de ficção científica, fantasia e afrofuturismo, desde então a editora já publicou 11 obras de variados temas e com uma diversidade enorme de autores, autoras, ilustradores e ilustradoras do RJ, SP, MG, RS BA, PI, PB E DF.

CÍRCULOS METROPOLITANOS - SP

Israel Neto

Editora Kitembo



O Círculos Metropolitanos etapa São Paulo, aconteceu dia 30/06 com a participação dos coletivos e grupos Editora Ananse, Coletivo Perifatividade, Sarau fundão do Ipiranga, Editora Kitembo, Mi pariô revolução e Sarauê.

Sobre os coletivos, em síntese:

A editora Ananse produz literatura negra por meio da publicação de livros conceituais, teóricos e traduções de obras estrangeiras de recorte racial, atuando por meio da internet e participação em feiras e eventos.

O coletivo Perifatividade é do parque Bristol/Heliópolis, surge em 2010 e produziu neste período 10 livros, entre antologias e livros individuais, o coletivo inova nos formatos dos seus livros com composição de trabalhos híbridos como campeonatos de futebol de várzea e publicação de livros, formação de educandos do EJA, discussão de direitos humanos e poesia.

A coletiva de mulheres Me Pariô Revolução, produz publicações de livros de mulheres do Ipiranga.

O sarau fundão do Ipiranga surge em 1994, faz contação de história e posteriormente como grupo de rap, atua nas escolas e em eventos culturais, pensando a formação política e social.

O Sarauê é de Parelheiros produz atividades de sarau, oficinas no território, realizou atividades online na pandemia e voltou recentemente aos saraus na praça, conta com apoio de edital público.

A Kitembo - edições literárias do futuro, representada por Israel Neto e Anderson Lima, surge em 2018 publicando livros de fantasia e ficção científica, escrita e protagonizada por negros e negras, a editora é da Brasilândia, zona norte de São Paulo.

O grupo acompanhou a explanação e partilhamento dos dados colhidos no formulário preenchido por 15 coletivos de São Paulo, contado os presentes na reunião.

Os destaques e temas aprofundados pelos grupos foram:

- A presença de Editora é mais recorrente em São Paulo, assim como o sarau, levando em conta o preenchimento proporcional do formulário;

- Acesso ao recurso particular/privado; algumas experiências foram compartilhadas, destacando o Sesc como esse ator “privado”, porém levantou-se o caráter associativo do Sesc, bem como os recursos públicos que lhe são veiculados. Um outro destaque foi a contratação de uma das iniciativas por meio de empreendimentos de turismo e apresentação de eventos no campo do entretenimento. A discussão sobre o Sesc ser um ente privado, foi prolongada levando-se a questão da ingerência política que ele sofre e seu orçamento que em muitos anos superou o do ministério da cultura. Por fim, outra iniciativa dividiu com o grupo sua experiência em um programa de aceleração de empreendedores, porém destacou que as empresas mantenedoras do programa, tendiam a olhar o projeto como uma ajuda social e não com um vínculo e troca de empreendimento para empreendimento. A editora Heliópolis foi citada por ter acessado recursos do Edital Rumos.

- Sobre a ampliação da atuação; um dos grupos indicou que ainda estão na busca de novos escritores/as, tendo como a atuação nas escolas uma ferramenta para este fim. Porém uma outra ação foi descrita com mais detalhes, um projeto de copa de futebol de várzea e estímulo a escrita, onde a oferta de uma poesia/ texto para a produção de antologia foi o pagamento para a inscrição do time.

- Dificuldade de diálogo com as escolas, mesmo o coletivo compartilhando os seus recursos para custeio das atividades nas escolas essa parceria em muitos territórios tem sido dificultada pela não participação e envolvimento dos gestores. Ficando então como horizonte pensar em como promover essas parcerias de forma saudável, horizontal, tendo a escola como parceira e não apenas local de execução das atividades.

- Impacto financeiro das ações dos coletivos nos territórios e na cadeia produtiva do livro e literatura; O grupo pensou sobre a necessidade de que as feiras e oportunidades de vendas, enxerguem os diversos tempos organizacionais das editoras, sendo elas “Pequenas, Nanos, médias...” aumentando o alcance das editoras promovendo a empregabilidade na cadeia produtiva (revisor, ilustradora, tradutora, etc), podendo assim até em ultima instancia baratear o livro, promovendo maior acesso, pensando em preço e comprador/a, leitor/a final. Outro ponto foi o fortalecimento de empreendimentos locais em dia de saraus nas praças ou em bares, a venda de bebidas, doces, lanches aumentam.

A circulação de obras e autores foi pensada como oportunidade para que estes lançamentos nos saraus fortaleça os artistas que circulam com seus livros, garantido de certa forma o retorno do investimento pessoal que fizeram em suas publicações. Por fim discutiu-se a circulação indireta dos recursos, como o transporte público ou até mesmo o transporte pessoal, sendo uma característica de São Paulo os deslocamentos entre quebradas para apreciação desses eventos. Essas movimentações, segundo um dos grupos, fortalece o evento que acaba sendo divulgado pelo comércio local, e os coletivos em contrapartida também acolhem esses comerciantes como parceiros tanto na comunicação dos projetos como fornecedores, integrando a comunidade de forma orgânica.

Duas Propostas de reflexão foram feitas:

1. pensar um mecanismo de intercambio entre a educação, esporte e cultura para prática da lei do livro, leitura...
2. viabilizar o caminho dos livros de editoras e coletivos dos territórios nas escolas, por meio da compra pública de livros e inserção nas indicações da secretária de educação, bem como a redução das burocracias e mediadores nas vendas;

O encontro foi concluído tendo como horizonte novos encontros e acolhida de outras iniciativas para se pensar as políticas públicas e troca de práticas.

PIRRAÇA F.C. (JD. CLÍMAX)
Fábio Souza trecho

*“Ser goleiro é um dom.
Ser goleiro é ser herói ou vilão em questão de segundos.
Ser goleiro é acertar quando o time inteiro já falhou.
Em nossas mãos estão os créditos de um time!
Em nós são depositadas as últimas esperanças.
Cabe a nós a dura tarefa
De tentar evitar a maior alegria do futebol...
A solidão nas comemorações
A amargura da derrota...
Mas somos os únicos com o “luxo”
De jogar com um uniforme diferente!
Somos nós que temos a audácia de jogar com as mãos
Onde muitos não põem os pés.
Ser goleiro, não é porque somente
Não soube jogar com os pés.
Ser goleiro é ter uma visão diferente do Futebol.
Tico, não só como nosso goleiro e capitão você irá fazer falta
Mas também como pessoa, como amigo, como pai de família!
Descanse em paz, nosso eterno capitão!”*

Círculos Metropolitanos - RS

Imagem: acervo Poetas Vivos



COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DO RS: **POETAS VIVOS**

A **Iniciativa Cultural Poetas Vivos** é uma iniciativa afrocentrada que fomenta a arte e a educação negra e periférica. O coletivo foi criado em 2018 por jovens artistas negros de Porto Alegre e que atua diretamente em escolas, universidades, espaços comunitários e públicos, desenvolvendo oficinas, palestras, shows musicais, SLAMS (batalhas de poesia) e freestyle, abordando a ERER, o racismo, a desigualdade econômica, social e ambiental, fomentando a implementação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, que obrigam o ensino da História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena em todo o âmbito escolar. Ao longo dos quatro anos de existência, a iniciativa cultural já esteve presente participando de grandes festivais e shows de RAP do Estado e nos mais importantes eventos e campeonatos de poesia falada do Brasil.

Círculos Metropolitanos - RS

Imagem: acervo Biblioteca Comunitária Girassol



COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DO RS: BIBLIOTECA COMUNITÁRIA GIRASSOL

A **Biblioteca Comunitária Girassol** existe desde junho de 2017 e situa-se no Sarandi, zona norte de Porto Alegre, atendendo mais especificamente as Vilas: Elizabeth, Respeito, União e Nova Brasília. O Sarandi é um bairro periférico com altos índices de vulnerabilidade socioeconômica, contendo poucos pontos de cultura, sendo a Girassol o espaço cultural mais próximo dos moradores. Além de realizar a formação de leitores por meio de mediações de leitura e empréstimos de livros, a BC tem um acervo composto por 1.350 livros. A atuação da Biblioteca é pautada sob três perspectivas: (1) o direito humano à leitura, como forma de expandir a consciência das pessoas a fim de que o sujeito periférico se emancipe socialmente; (2) o espaço da biblioteca como um ponto de convergência e diálogo com diversas expressões culturais; e, por fim, (3) a construção de um acervo que abranja as temáticas afirmativas dentro da literatura, tais como a literatura negra e marginal/periférica, entre outras. Em 2020, em um viés assistencial por conta da pandemia de Covid-19, foram entregues cerca de 550 cestas básicas para famílias do bairro. Já em 2021, a Girassol teve cerca de 801 livros circulando pelo território, entre empréstimos e consultas locais, precisamente a partir da metade do ano; alcançou aproximadamente 1.420 pessoas em suas atividades e realizou 86 atividades.

Círculos Metropolitanos - RS

Imagem: acervo Beabah!



COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DO RS: **BEABAH!**

Idealizada em 2008, a Rede de Bibliotecas Comunitárias do Rio Grande do Sul tem o intuito de aproximar causas e projetos que atuem em prol da democratização e descentralização do acesso ao livro, à cultura e à educação. Seguindo os pensamentos de Antônio Cândido, acreditamos na leitura como direito humano e o acesso ao livro como garantidor da busca por outros direitos fundamentais para a sociedade.

Com a atuação focada nas periferias dos territórios, visamos a transformação social a favor da cidadania através do entrelaçamento entre Educação, como apoio à rede pública de ensino e cultura, com mediação de leitura, empréstimo de livros, ações literárias e culturais, além de oficinas e formações. Atualmente, integram 16 espaços localizados em 7 cidades do Estado: Cachoeirinha, Canela, Canoas, Cidreira, Eldorado do Sul, Esteio e Porto Alegre.

O coletivo integra a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) onde participa de articulações no âmbito nacional com demais redes locais e que juntas totalizam mais de 120 bibliotecas comunitárias espalhada nas periferias dos 9 Estados do Brasil: Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Ceará, Maranhão e Pará. Além desta parceria, a Beabah! integra também a Rede LEQT - Leitura e Escrita de Qualidade para Todos e a Periferia Brasileira de Letras (PBL), projetos que reúnem instituições e coletivos literários do país.

CÍRCULOS METROPOLITANOS - RS

Priscila Macedo, Natália Pagot e Viviane Peixoto

B. C. Girassol, Poetas Vivos e Beabah!

No encontro foram aproximadamente 12 coletivos, sendo 3 as integrantes da pbl e o restante outras bibliotecas comunitárias que integram a rede beabah e o coletivo abrigo, que tem um viés a favor dos direitos humanos;

Foi um encontro bem potente, falamos um pouco de como é cada coletivo, contando como é a região e as dificuldades que o coletivo encontra;

Percebemos que um ponto comum entre as pessoas envolvidas é referente ao valor do nosso trabalho, visto

que muitas pessoas associam o trabalho em base, nas periferias, como algo voluntário e apenas de militância. Trouxemos que é sempre uma luta constante viver de editais e nem sempre com a garantia de aprovações;

Em relação a BC Girassol, percebeu-se que muitos convites feitos para outros coletivos, fora do espaço das bibliotecas comunitárias, teve apenas a presença de uma parceria, porém escritores, editoras e coletivos de saraus, infelizmente não puderam comparecer. No entanto, sabe-se que por meio de outras experiências, que reunir coletivos é um trabalho contínuo, de persistência;

Falamos também que trazer questões burocráticas ainda distanciam muitos coletivos, principalmente os de SLAM e refletimos em como podemos aproximar para estas questões que ainda são fundamentais, principalmente na formalização das entidades para escrita de projetos, por exemplo.

TRECHO DO QUARTO DE DESPEJO Carolina Maria de Jesus

“Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.”

Círculos Metropolitanos - BA

Imagem: acervo Slam das Mulé



COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DA BA: **SLAM DAS MULÉ**

O **Slam das Mulé** é o primeiro campeonato de poesia falada do município de Camaçari - BA. Idealizado em 2017 pela poeta e produtora cultural Juliana Valle, teve sua primeira edição realizada em fevereiro de 2018 e, em seu primeiro ano de execução, se tornou o primeiro Poetry Slam da Bahia fora de Salvador a representar o estado em campeonatos nacionais: Slam BR 2018 e Torneio Nacional Singulares de Poesia 2019. Com o tempo, o Slam passou a oferecer performances poéticas, palestras e oficinas em espaços tradicionais e/ou plurais de educação, promovendo incentivo à leitura e produção literária nas periferias geográficas e sociais, se consolidando como lugar de segurança e liberdade de expressão para meninas e mulheres que querem escrever suas próprias narrativas. Em 2022, o Slam das Mulé leva mais uma vez uma poeta ao Slam BR, a ser realizado no Rio de Janeiro.

Círculos Metropolitanos - BA

Imagem: acervo Grupo de Arte Popular A Pombagem



COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DA BA:

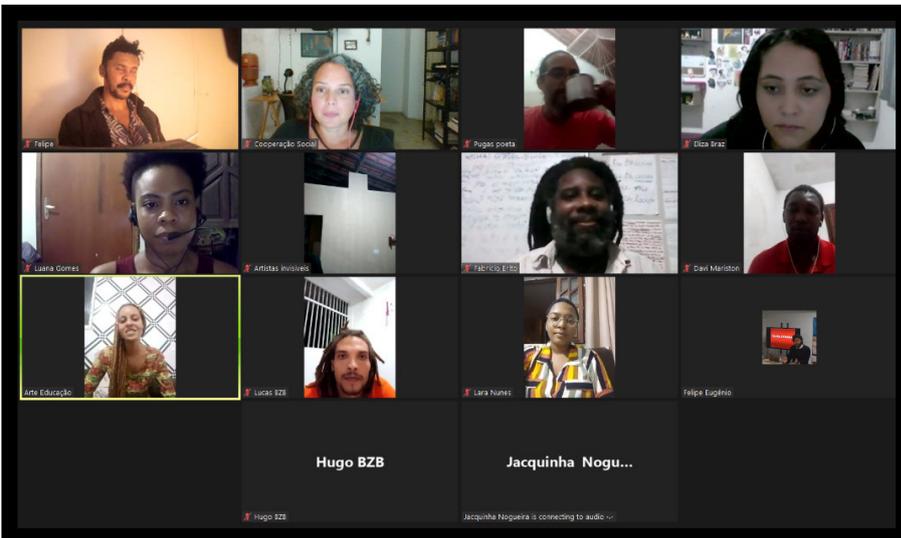
GRUPO DE ARTE POPULAR A POMBAGEM

O **Grupo de Arte Popular A Pombagem** atua desde 2009 apresentando espetáculos de teatro de rua em praças e monumentos da cidade de Salvador, principalmente nas regiões periféricas. A dramaturgia é sempre construída coletivamente e tem como fonte de inspiração a poesia popular e as memórias de luta dos territórios de resistência. Atualmente, o grupo desenvolve uma pesquisa cênica em torno da Festa do Lixo, uma manifestação cultural de cunho educativo e socio-ambiental do bairro de Fazenda Grande do Retiro.

CÍRCULOS METROPOLITANOS - BA

Lara Nunes

Slam das Mulé



No encontro virtual Círculos Metropolitanos BA, promovido pela Periferia Brasileira de Letras (PBL), estavam presentes os representantes da PBL, os coletivos bolsistas A Pombagem e Slam das Mulé, além de outros grupos baianos do campo da literatura e das artes, a saber: Arte Marginal SSA, A TU AR - Assistência Técnica de Urgência na Arte da Requenguela, Milicanto Literário e Biblioteca Zeferina Beiru.

Durante a reunião, foram discutidos os resultados do formulário de mapeamento disponibilizado pela PBL a fim de identificar pontos convergentes entre os grupos da Bahia em relação

aos modos de atuação, formalização, dificuldades de realização e proposição de políticas públicas integradas pensando essas particularidades. Dentre esses pontos, os mais debatidos foram:

- O caráter comunitário da arte na Bahia, refletido nos coletivos bolsistas da PBL e nos coletivos que responderam os formulários e frequentaram o Círculos Metropolitanos. Slam, teatro de rua, biblioteca itinerante e trabalho com poesia nos ônibus são exemplos de como a literatura vem sendo deslocada de um lugar construído socialmente como superior e erudito, para ser devolvida ao povo através da prática das ruas e da arte compartilhada. A própria PBL propõe esse deslocamento ao pensar em uma Periferia Brasileira de Letras, refletindo a potência conjunta das comunidades, em contraste com a seletividade da Academia.
- A necessidade de pensar na difusão da literatura e de outras artes nos transportes coletivos como uma área de atuação a ser considerada nos debates sobre políticas públicas promovidos pela PBL. Este campo, que ainda não havia sido cogitado na elaboração dos formulários, possui uma dinâmica peculiar de interação com o público, com o trabalho e com a cidade que merece maior atenção.
- O lugar que a publicação literária ocupa nesses coletivos. A circulação de zines, revistas e livretos, autorais e artesanais, disseminadas material ou virtualmente, criam uma espécie de mercado editorial contra-hegemônico que retira o livro do centro e enfatiza a propagação dos textos e uma geração de renda para quem não tem condições financeiras e/ou acesso aos recursos necessários para realizar

uma publicação formal. Ao mesmo tempo, foi destacado o quanto a publicação formal opera como imortalizadora daquela literatura, por meio do registro oficial e do reconhecimento social de quem escreve, e como as formas de lançamento podem coexistir sem competir. Nesse sentido, editoras independentes foram citadas como potenciais incentivadoras da publicação de uma literatura periférica e engajada.

Em relação à proposição de políticas públicas, o grupo refletiu sobre o aspecto transversal, integrativo e facilitado que essas políticas precisam adotar para que sejam efetivas. Fugindo de burocracias desnecessárias, de padrões eurocêntricos do pensamento e partindo das necessidades da população, pois não adianta pensar em promover a literatura sem considerar questões fundamentais à vida humana, tais como saúde, educação, segurança pública, saneamento básico, moradia, mobilidade urbana, fome, desemprego e violência. A literatura e a cultura, enquanto construtoras de subjetividade e emancipadoras do ser, não podem ser dissociadas do que constrói esse ser na materialidade. Como exemplo prático dessa integração, foi pontuada a conexão entre um dos representantes da Biblioteca Zeferina Beiru e o programa Corra pro Abraço - Ação de redução de riscos e danos para populações vulneráveis do Estado da Bahia.

SEM TÍTULO

Pugas

*Certo,
o que é certo?
A norma aqui embrutece
ou o meu cabelo que cresce
o ato que não se fez tato
ou maltrato que se deu....
a poesia com rima e métrica
ou a sulfúrica poética daquele que se fu...*

*Dê o seu final,
afinal de quem é o compromisso
e você vai ficar submisso a isso tudo?
Surdo e mudo o absurdo grita
e você aí sentado só critica?*

*Deixe seu medo de lado
fale alto que acredita
pois no ritmo que tudo caminha
vacilou é letra morta
e o que abala ou abre a porta
é semente bem plantada
vira aorta!*

Círculos Metropolitanos - MG

Imagem: acervo Coletivo Sarau da Periferia



COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DE MG: **COLETIVOZ SARAU DA PERIFERIA**

Coletivo Sarau de Periferia é um movimento cultural que nasceu no ano de 2008 e vem promovendo, há 13 anos, encontros artísticos e poéticos na cena da literatura marginal, periférica e contemporânea de Minas Gerais e brasileira. “À Luta, à voz!” é nosso grito de guerra pra ocupar o campo cultural do sistema literário no Brasil por meio do incentivo à leitura literária e ao ser-fazer poético/artístico por pessoas moradoras das periferias em seus territórios à margem das elites hegemônicas das produções culturais e educacionais em Belo Horizonte.

#coletivosaraudeperiferia #àlutaàvoz #literaturaperiférica #sarausdeperiferias
Instagram: @coletivoz | Site: coletivoz.blogspot.com

CÍRCULOS METROPOLITANOS - MG

Dudu Souza

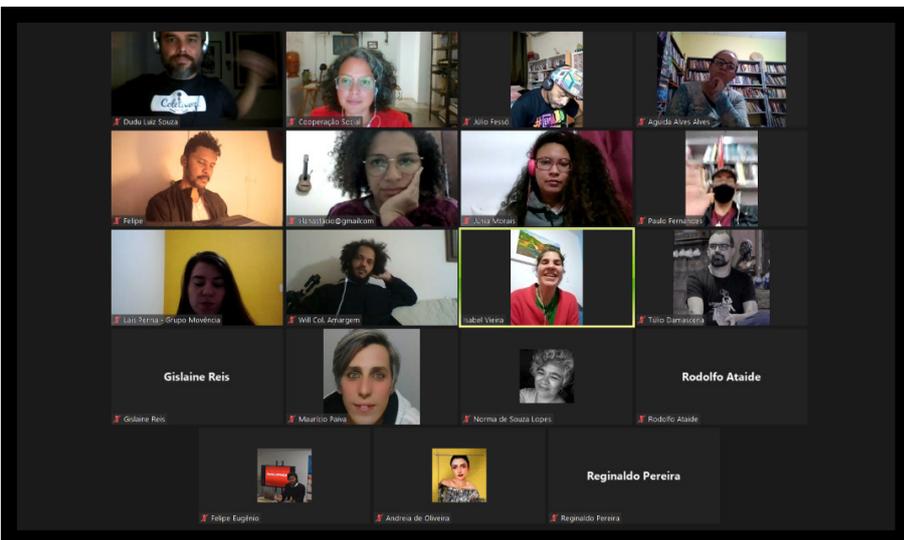
Coletivo Sarau da Periferia

VOZES + PRESENCAS = 13 Coletivos literários de cidades da região metropolitana + 1 do interior de Minas Gerais:

- Dudu + Deia = Coletivo Sarau de Periferia de Belo Horizonte
- Laís + Lorena = Grupo Movência de Belo Horizonte
- Júnia + Júlio = Rua do Livro do Morro do Papagaio de Belo Horizonte
- Maurício + Isabel = Centro Cultural Corrente do Bem de Santa Luzia
- Maurício = Rede Sou de Minas, Uai de Bibliotecas Comunitárias da região metropolitana de Belo Horizonte
- Águida = Coletivo Aautos da Poesia de Sabará
- Will = Coletivo Amargem de Ribeirão das Neves
- Gislaine = Coletivo Apuãma de Belo Horizonte
- Túlio = Biblioteca Comunitária Borrachaloteca de Sabará
- Deia = Sarau Logo Ali de Ibirité
- Rodolfo = Coletivo Semifusa de Ribeirão das Neves
- Norma = Coletivo Simples de Belo Horizonte
- Lorena = Ponto de Cultura e Ambiental Candeia de Conceição do Mato Dentro

DIÁLOGOS REALIZADOS NO ENCONTRO:

- Ausência do valor das ORALIDADES na lei PNLE, Coletivo Sarau de Periferia
- Não reconhecimento das MULTILINGUAGENS-ARTES nos editais, Grupo Movência
- Importância do LEVANTAMENTO da PBL pra ORGANIZAÇÃO da rede, Rua do Livro do Morro do Papagaio
- Vamos CONTINUAR o ENCONTRO da rede PBL-MG dia 02/08



RELATOS DO ENCONTRO:

■ *“Acho que há em comum em todos nós é a difusão cultural e em como nossos espaços e vozes conseguem absorver e transmitir tudo isso, utilizando do mesmo instrumento, o Livro”.*

Maurício, Centro Cultural/Biblioteca Comunitária
Corrente do Bem - Rede Sou de Minas,
Uai - Santa Luzia - Belo Horizonte

■ *“É discutir em coletivo as particularidades de cada um que de certa forma nos conectam. Falar da individualidade para pensar e transformar o coletivo, numa transformação constante das artes, das literaturas, das linguagens”.*

Laís, Grupo Movência - Belo Horizonte

■ *“É como se um livro estivesse sendo escrito em forma de antologia e nós fossemos as páginas, com conhecimentos diversos, necessidades em comum, trocando experiências e fortalecendo vínculos”.*

Deia, Sarau Logo Ali + Coletivoz Sarau
de Periferia - Ibirité + Belo Horizonte

■ *“A literatura nos une, promove o dialogo e fortalece a quebrada e a democracia”.*

Paulo, Instituto Livros em Todo Lugar - Contagem

■ *“Poesias marginais cercam o centro”.*

Russo, Coletivo Terra Firme - Ibirité

SEM TÍTULO **Júlio Fessô**

*Vista por muitos como o reduto do mal
Vista por poucos como o cantinho do bem
Do bem não faz mal
Só não podem esquecer dela
Da nossa linda é maravilhosa favela
Lugar único o de a diversidade se encontra
Lugar de gente feliz
Lugar de gente que vai à luta.*

“A troca de vivências mostra o quanto a favela faz por ela mesma e nos leva a perceber que não precisamos de algo instituído por fora, fazemos a nossa literatura, editamos e lançamos nossos poetas; o que falta, e por isso seguimos lutando, são políticas que se dediquem a potencializar os coletivos literários e culturais que existem e nascem n’amargem”

Will, Coletivo Amargem - Ribeirão das Neves

Círculos Metropolitanos - CE

Imagem: acervo Periferia que Lê



COLETIVO MOBILIZADOR DA REGIÃO METROPOLITANA DO CE:

PERIFERIA QUE LÊ

O **Periferia que Lê** é um projeto social com ações voluntárias que visa reforçar a importância das práticas literárias através da elaboração de ideias, acessibilidade aos livros e à informação. Atuante no Grande Bom Jardim, uma das maiores periferias de Fortaleza, busca incentivar a leitura, conectar-se a comunidade e aos artistas locais. As geladeiras literárias na rua, ações de leitura, contação de histórias e ajuntamento com escritores(as) locais são as principais atividades.

CÍRCULOS METROPOLITANOS - CE

Marcos Sá

Periferia que Lê

O encontro virtual promovido pela Periferia Brasileira de Letras junto ao coletivo Periferia que Lê aconteceu às 19 horas da terça-feira, dia 12 de julho, e contou com a presença de doze participantes: Felipe Eugênio, Mariane Martins e Edson Santana da PBL; Marcos de Sá, Bruna de Lima e Antonia Lino do coletivo Periferia que Lê; Davyd Ruan, Nicolás Indígena e Paulino Pax do coletivo literário Escritores de Fortal; Horácio Almeida da Biblioteca comunitária Viva Palavra; o colunista Rômulo Silva representando a Biblioteca B1 do Jangurussu e Jardson Remido (Jardzzz) representando a Narcoteca: Biblioteca Carlos Marighela.

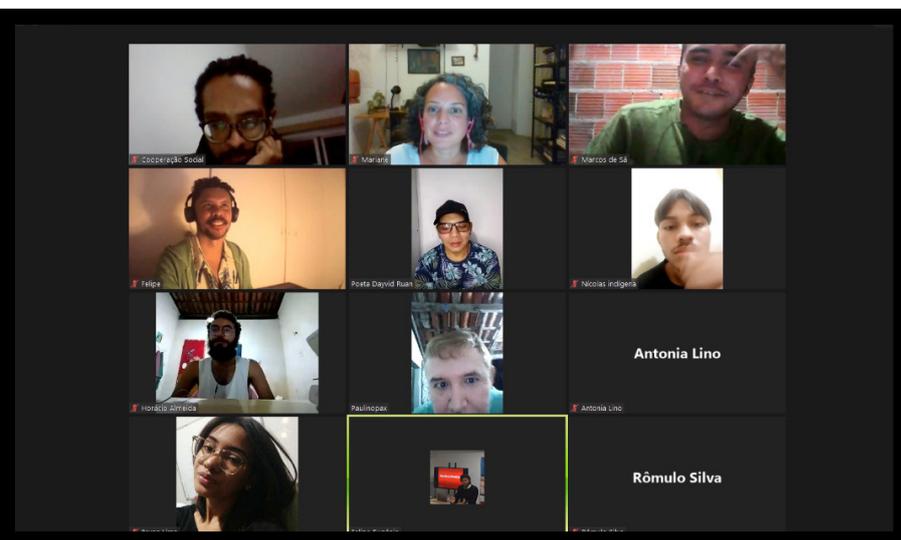
Na oportunidade, Felipe Eugênio da PBL apresentou o propósito da Periferia Brasileira de Letras assim como suas intenções em conhecer e fazer valer as políticas públicas dentro das leis que estão disponíveis como a Lei Castilho, e em seguida os resultados pertinentes às respostas via formulário advindas dos coletivos cearenses.

Entre os pontos mais discutidos:

Rômulo Silva afirmou “Discordo quando dizem que o estado está ausente. O Estado está presente sim nas periferias, mas de outra forma” quando fomos questionados a pensar na comunicação que o mesmo exerce de maneira favorável.

Foi visto que todos os coletivos não são formalizados, alguns estão ligados a outros espaços, que as violações que mais impedem a atuação dos coletivos são o desemprego e a ação policial, entre outros.

“A literatura aprofunda a experiência com um público reduzido”, disse Felipe ao discutirmos o público mensal que os coletivos alcançam que



chega a cerca de trinta pessoas. Apenas quatro coletivos publicaram, a outra metade não publicaram ainda, mas tem interesse. Uma das maiores dificuldades são a falta de financiamento e a falta de estímulo que está lidado a fatores como a “a baixa autoestima de artistas inseridos na desigualdade social” e a “falta de oportunidade que ainda é escassa em contextos periféricos”.

Jardson Remido trouxe uma provocação a pensar em outros formatos de alcance ao público, como o Metaverso e a Web3 e finalizou o nosso encontro com uma poesia marginal.

SEM TÍTULO
Dayvid Ruan
@escritoresdaterra

*Me sinto muito grato por esta oportunidade
Em dividir conhecimento
Em transmitir minha verdade
Pelo que aprendi com cada comunidade
Sou poeta e escritor
E me orgulho em falar
Que o encontro foi produtivo
Incentivo à se passar
A PBL aos demais
Foi incrível participar.*

PRÓXIMOS PASSOS

Este caderno busca condensar os momentos iniciais da Periferia Brasileira de Letras, e destes momentos, fica em destaque o trabalho dessa rede que, utilizando dispositivos de consulta pública (pesquisa e reuniões), constrói uma pauta que reivindica transformações estruturantes para superar as iniquidades nos determinantes sociais da saúde.

Os passos seguintes, como já demonstrado na página 6, e que constarão no **volume 2 do Caderno da Periferia Brasileira de Letras: o processo de criação de políticas públicas saudáveis**, contará com as seguintes ações: a criação da carta PBL, com proposições de políticas públicas saudáveis advindas dos territórios periféricos; um seminário com especialistas para debates e contribuições sobre a carta da PBL; a análise dos resultados da pesquisa Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato e a campanha em busca de signatários da sociedade civil e do poder público, para fins de construção de uma agenda que represente uma coalizão reivindicadora de direitos às populações de territórios socioambientalmente vulnerabilizados.

A série “Caderno da Periferia Brasileira de Letras” pretende acompanhar as outras etapas desse percurso longo e, muitas das vezes, aparentemente inglório, que é o da disputa democrática pelas mudanças estruturantes que apontem para a superação das desigualdades e injustiça sociais. Baseada na Declaração de Jacarta, da Quarta Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, é que a Fiocruz investe na “participação como essencial para dar apoio no processo de tomada de decisão (...) pois o acesso à instrução e à informação é essencial para conseguir a participação eficaz e o direito de voz das pessoas e das comunidades”.

Eis o trabalho dos coletivos artísticos e culturais da Periferia Brasileira de Letras em parceria com uma instituição pública e estratégica de Saúde.

EXPEDIENTE

PRESIDENTE DA FIOCRUZ

Nísia Verônica Trindade Lima

COORDENADOR DA COOPERAÇÃO SOCIAL

Leonídio Sousa Santos

ELABORAÇÃO

COOPERAÇÃO SOCIAL – PTSSCU

PROJETO DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS E SUSTENTÁVEIS DE CENTROS URBANOS

Felipe Eugênio

Mariane Martins

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Mariane Martins

ANÁLISE DE DADOS

Andréia Cidade

ORGANIZAÇÃO DE DADOS

Víctor Hugo Rodrigues

MEMBROS DA REDE PBL

Dudu Souza

Fabricio Brito

Jucelino Sales

Isadora Escalante

Israel Neto

Lara Nunes

Marcos Sá

Natália Pagot

Priscila Macedo

Reginaldo Pereira

Vanessa Almeida

Viviane Peixoto

Viviane Sales

COLETIVOS DA REDE PBL

Beabah!

Biblioteca Comunitária Caranguejo de Tabaiaras

Biblioteca Comunitária Girassol

Coletivo Papo Reto

Coletivo Sarau de Periferia

Ecomuseu de Manguinhos

Editora Kitembo

Grupo de Arte Popular A Pombagem

Periferia que Lê

Poetas Vívxs

Rede Baixada Literária

Sarau Poesia da Esquina

Slam das Mulé

EXPEDIENTE

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA COOPERAÇÃO SOCIAL

Luíza Gomes

COMUNICAÇÃO PBL

Edson Santana

Juliana Portella

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Mariane Martins



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Coordenação de Cooperação Social